

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**NÚCLEO DE ESTUDOS DAS DIVERSIDADES, INTOLERÂNCIAS E CONFLITOS –**

**DIVERSITAS**

**GÉRON MÁRIO ENOGUREU**

**OS *BOE ENO BAKARU*: PROPOSTA PEDAGÓGICA  
PARA UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA**

**Aldeia Meruri, MT, 2022**

**GÉRSO MARIO ENOGUREU**

**OSBOE ENO BAKARU: PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Aivone Carvalho Brandão

**Aldeia Meruri, MT, 2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Enogureu, Gérson Mário  
OS *BOE* ENO BAKARU / PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA UMA EDUCAÇÃO  
DIFERENCIADA / Gérson Mário Enogureu;  
Orientadora Profa. Dra. Aivone Carvalho Brandão – São Paulo, 2022.

100 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades – DIVERSITAS – FFLACH, Universidade de São Paulo. Área de concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. Educação. 2. Mitos. 3. Rito. 4. Escola indígena. 5. Aldeia Meruri. I. Carvalho, Aivone (orient.). II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desses três anos de dedicação ao meu estudo de mestrado, tendo como tema os *bakaru* e a educação, quero agradecer imensamente às pessoas que fizeram parte da minha trajetória humana e intelectual.

Agradeço a mãe dos meus filhos (*in-memorian*), Célia Vicuña Aro Murireudo, que sempre me apoiou, cuidando dos nossos filhos quando saía da aldeia em busca do conhecimento. Ainda que não esteja mais ao meu lado, está viva nas minhas lembranças e vive como *aroe*. A força que sinto agora vem do mundo espiritual e me faz querer viver para os nossos filhos.

Agradeço aos meus filhos que são o motivo do meu esforço e do meu caminhar, foi por eles que não desisti de mim, durante este período que estou com problema de saúde, deste estudo e da minha vida.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades nas pessoas dos Professores Drs. Sérgio Bairon e Marília Librandi e Muga Aivone Carvalho que abriram os corredores do conhecimento acadêmico para nós indígenas, libertando-nos do desprazer de sermos objetos de pesquisa e das mordças impostas pelos mais de 500 anos de colonização.

Agradeço a *muga* Aivone, minha orientadora, que durante os 22 anos de convivência, sempre acreditou no meu potencial, conhecendo meus limites, minhas angustias, o que penso da vida, o que penso dos *braedo*, o que penso das religiões, certo ou não, ela sabe que tenho minhas opiniões próprias porque prezo por minha autenticidade e, apesar de tudo, ela acata com respeito e até humildade aquilo que penso e acredito.

Agradeço aos meus parentes, tias e tios maternos que me ajudaram desde quando iniciei a minha jornada de estudante, por cuidarem de mim, já que a minha mãe sofre com deficiência mental.

Agradeço aos *imana* Domingos Sávio Alves Kiga Kurireu que esteve sempre aberto a mim para ensinar vários conhecimentos referentes a cultura.

Agradeço ao aoioga Miguel Atugoreu que também contribuiu bastante no meu conhecimento da cultura. A ajudar a orientar os meninos que passaram pelo rito de passagem nesse último funeral.

Agradeço ao *imana* Antônio Grude (*in-memorian*), por me ensinar os cantos do *jure* (*Boe ererua* cantos festivos de dança) e com isso a começar a ter o gosto pelos nossos cantos.

Agradeço ao *imana* José Carlos Meriri Ekureu (*in-memorian*) que, como grande líder cultural, desde a minha adolescência passava os conhecimentos, culturais nas caçadas pecarias culturais, orientando a juventude em todos os rituais sagrados para que tivéssemos respeito com os nossos momentos sagrados.

Agradeço ao *imana* Joãozinho Aipobureu (*in-memorian*) que foi o último *aroe etowarare* forte que conheci, ainda que muito temido e respeitado, encontrava várias maneiras de brincar e se divertir com as crianças e adolescentes. Tinha uma voz própria para cantar os cantos *Boe*. Foi um líder muito admirado pelos *Boe*.

Agradeço ao *imana bari* Felipe Kuruguga por nos proteger dos espíritos malfazejos, benzendo as caças e pescas proibidas, e também por benzer alguns outros alimentos culturalmente proibidos.

Agradeço ao meu *iorubodare* José Apolônio Bokodori Akiri, que me ajudou a passar do status de criança ao *status* de adolescente, homem capaz de exercer as atividades cabíveis e próprias de homem; que me protegeu dos *Aije* enquanto fazia o rito de passagem masculina; que me banhou com as ervas próprias dos espíritos para que não fizessem mal a mim; que me deu forças e coragem para enfrentar os espíritos; que ainda hoje me ensina a participar das funções de maneira correta como rege o *bakaru*.

Agradeço a *inodou* Mariel Kujibo Ekureu por me enriquecer muito nos conhecimentos *Boe e brae*, com as nossas discussões relacionadas à essas culturas como uma tentativa de levar para escola as temáticas que discutíamos. Essas nossas discussões enriqueceram muito o meu trabalho.

Agradeço ao *inodou* Lauro Pariko Ekureu, porque sempre me achou quando queria desistir, escondendo de mim mesmo e por me cobrar uma postura mais otimista diante da minha pesquisa e da vida.

Agradeço aos *ioga mage, iwage mage, iedaga mage, iorubodare mage, e iwie mage*; também agradecer as *muga mage, imarugo mage, iorubodare aredu mage, irago mage, iwie*

*mage* que são os meus colegas professores e professoras da nossa escola que valorizam a cultura *Boe*.

Agradeço ao amigo Paulinho Ecerae *Kadojeba*, meu professor de conversação em Língua *Boe* e por me ajudar a decifrar vários *bakaru*.

Agradeço ao meu quase pai, Adelson *Bakuruceba* (*in memoriam*), por muitos e muitos ensinamentos a respeito das ervas medicinais, ervas próprias dos espíritos, a respeito dos *bakaru* e de muitas coisas da nossa cultura, a importância e o comportamento de um ancião. Ensinou-me o sentido da vida, a enfrentar as adversidades que a vida nos impõe. Como marido de minha tia Leonida, que praticamente me criou, meu tio me educou para a vida.

O sonho de um adolescente, que veio ganhando forças com a maturidade e hoje vê mais uma etapa a ser realizada é gratificante demais. Porém há um caminho longo a ser seguido para alcançar a meta. Apesar da idade e de estar doente, pretendo ainda mergulhar no desconhecido, buscar o meu conhecimento, desconstruir a mentalidade muitas vezes errônea que muitos estudiosos formaram a nosso respeito, para podermos reconstruir a nossa própria idéia a respeito de nós mesmos, da nossa maneira de enxergar o mundo, o nosso jeito de ser, de agir, de vivenciar a nossa cultura, buscando a maneira mais certa possível de viver em harmonia com a natureza. Por tudo isto, agradeço ao Pai de todos os deuses e a mim mesm

## **TÍTULO: OS *BOE ENO BAKARU*: PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA**

**Title:**

### **Resumo**

Os mais de 20 anos como professor e todas as dificuldades enfrentadas para construir uma Escola Indígena *Boe* Diferenciada, que traga em seu currículo elementos importantes da nossa cultura, serviram de motivação para esta pesquisa. Este trabalho busca desenvolver uma metodologia de ensino e aprendizagem baseada em nossas histórias ditadas por nossos ancestrais. Inicialmente parti do mito da origem das flechas e araras para desenvolver e testar um plano pedagógico para a aplicação de mitos dessa natureza na Escola. Então proponho outro tipo de aula dentro do ciclo fúnebre, durante o rito de iniciação masculina, já que a maioria dos neófitos eram meus alunos. Concluo descrevendo uma aula com os meninos já iniciados na margem do rio, e o objeto dessas aulas eram dois mitos que são lembrados durante o rito de iniciação dos meninos. Como resultado desta pesquisa, apresento este trabalho, no qual vários autores foram fundamentais, destacando-se Aivone de Carvalho, Renate Vertler, Claude Levi-Strauss e Paulo Freire.

**Palavras-chave:** Educação; Mitos; Rito; Escola indígena; Aldeia Meruri.

Abstract: More than 20 years as a teacher and all the difficulties faced to build a Differentiated *Boe* Indigenous School, which brings in its curriculum important elements of our culture, served as motivation for this research. This work seeks to develop a teaching and learning methodology based on our stories dictated by our ancestors. I initially started from the myth of the origin of arrows and macaws to develop and test a pedagogical plan for the application of myths of this nature in the School. So I propose another type of class within the funeral cycle, during the male initiation rite, since most of the neophytes were my students. I conclude by describing a class with the boys already initiated on the riverbank, and the object of these classes were two myths that are remembered during the boys' initiation rite. As a

result of this research, I present this work, in which several authors were fundamental, highlighting Aivone de Carvalho, Mircea Eliade, Renate Vertler, Claude Levi-Strauss and Paulo Freire.

**Keywords:** Education; Myths; Rite; indigenous school; Meruri village.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### CAPÍTULO I – A Origem de Todas as Coisas

- |     |   |      |
|-----|---|------|
| 1.1 | Os <i>Boe</i> eno Bakaru: a origem de todas as coisas                                       | p.11 |
| 1.2 | No princípio era assim  | p.13 |
| 1.3 | Nossos legisladores e moderadores <i>Baitogogo</i> e <i>Boroge</i> : três mitos importantes | p.15 |
| 1.4 | <i>Baitogogo</i> e a origem das flechas e das araras  | p.16 |
| 1.5 | O chefe <i>Baitogogo</i> apodera-se do espírito <i>Aije</i>                                 | p.18 |
| 1.6 | Os chefes <i>Baitogogo</i> e <i>Boroge</i> vão chefiar o reino dos mortos                   | p.19 |

#### CAPÍTULO II – A Educação Formal e sua ruptura

- |     |   |      |
|-----|---|------|
| 2.1 | A educação formal em Meruri: primeira metade do século    | p.22 |
| 2.2 | A segunda metade do século: a ruptura com o modelo antigo | p.29 |

#### CAPÍTULO III – Proposta Pedagógica: os Bakaru na Escola de Meruri

- |     |  |      |
|-----|--|------|
| 3.1 | Plano pedagógico para inclusão do Bakaru na Escola | p.40 |
| 3.2 | Desenvolvimento do Plano Pedagógico                | p.42 |
| 3.3 | Oficina de Desenho                                 | p.46 |
| 3.4 | Oficina de Escrita                                 | p.49 |
| 3.5 | Oficina de fazer, fazer                            | p.52 |

#### CAPÍTULO IV – A iniciação e a escola

- |     |  |      |
|-----|--|------|
| 4.1 | A iniciação dos meninos                                    | p.57 |
| 4.2 | Os <i>Bakaru</i> e o <i>Poguru</i> : uma aula diferenciada | p.63 |

#### CAPÍTULO V – A Ancestralidade

- |     |                                 |      |
|-----|---------------------------------|------|
| 5.1 | Um contato com a ancestralidade | p.67 |
|-----|---------------------------------|------|

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** p.75

**BIBLIOGRAFIA** p.78

**ANEXO**

## **INTRODUÇÃO**

Meu projeto de pesquisa está ligado a outro maior denominado Projeto Bakaru, coordenado pelos professores Sérgio Bairon, Marília Librandi e Aivone Carvalho do Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades do DIVERSITAS – FFLCH –USP. Este projeto pretende, por meio da Produção Partilha da do Conhecimento, recuperar nossa história mítica porque sabemos que é nela que se encontram nossos valores ancestrais que precisam ser transformados em prática.

Grande parte dos nossos mitos são de mitos de origem, o que supõe que cada criação remonta ao seu próprio mito ou herói mítico. Trabalhando com os objetos, por exemplo, recupera-se o mito, trabalhando com o mito dá-se o devido valor ao objeto (Carvalho, 2006: 79)

Nós, o povo *Boe*, temos uma riqueza muito grande, no que se refere à questão dos enfeites clânicos, a maneira de confeccioná-los e quem pode fabricá-los (homem ou mulher) de acordo com a cultura; o uso dos enfeites nas cerimônias, quem pode usá-los; tudo isso veio atravessando séculos e séculos, enfrentando barreiras com a cultura do mundo envolvente até nos tempos atuais. Muita coisa se perdeu ao longo dos tempos, mas também muita coisa permaneceu. Trabalhar com o tema revigora nossa cultura e dá vida a nossa identidade cultural.

Cada coisa tinha a sua função dentro do nosso cotidiano ritual, porque para nós o cotidiano e o ritual andavam em conjunto. Ainda hoje, cada enfeite pertence a algum clã, e cada pessoa tem que usar os enfeites do seu próprio clã. Caso uma pessoa use os enfeites de outro clã pode gerar conflito, gerar ciúmes, com discussões a respeito das primazias e até brigas.

Ainda temos muitas pessoas na nossa comunidade que praticam e prezam a cultura *Boe*. Essas pessoas falam a língua materna, cantam e fazem a prática da caça e pesca cultural. É por essas pessoas, por nossos antepassados e, principalmente, por nossas crianças que pretendo levar nossos *Bakaru* para serem estudados na escola como uma forma de recuperar e preservar nossos valores. Importa não deixar morrer a língua e todos os ensinamentos ligados aos *Boebakaru*.

Contudo, não posso esquecer o objetivo pessoal desta pesquisa que é mostrar aos jovens e principalmente aos meus filhos que é possível sim, irmos além do que achamos ser capazes. Essa força que nos faz sempre dar um passo adiante, só pode ser encontrada em nós mesmos, basta querer. Todo dia aprendemos e é fácil notar isto, se quisermos, sempre podemos ir além.

Espero que meus estudos me levem a criar uma pedagogia de ensino aprendizagem de nossos mitos. Espero também criar um material didático modelo para meus futuros colegas professores. Estou ciente de que o conhecimento dos nossos mitos será um bálsamo para a afirmação da nossa identidade e reconstrução da nossa autoestima.

Inicialmente desenvolvi trabalho, de forma empírica, com um mito de origem na nossa Escola, é o mito de origem das flechas e das araras, na tentativa de construir uma nova metodologia de ensino aprendizagem para incluir nossas narrativas no currículo das Escolas Indígenas *Boe*. Esta metodologia pretende introduzir no nosso currículo escolar, nossas histórias contadas como antigamente, em lugar fresco, na natureza, de forma a trazer de volta à memória, ainda que de forma longínqua, daquilo que um dia foi a nossa verdadeira escola, escola de raiz, de identidade e de verdades primeiras

Como é um mito de origem de determinados objetos, decidi fazer a primeira parte do plano pedagógico no nosso pequeno museu comunitário porque lá têm todos os objetos que tiveram origem no mito. Como o trabalho foi feito em época de pandemia, os alunos foram poucos e não consegui que um ancião fizesse a Oficina de Escuta, eu mesmo fiz a narrativa do mito ilustrando com os objetos, permitindo que cada um os manipulasse.

Depois disto passamos para a Oficina de Desenho, onde os meninos desenharam a parte que mais gostaram do mito. Em outro momento a Oficina de Escrita ofereceu a possibilidade de os alunos escreverem sobre o tema e, finalmente a Oficina de Construção dos Objetos, evidenciando as insígnias clânicas.

Com a realização do funeral de nossa tradição aqui na aldeia, resolvi fazer um recorte no ciclo fúnebre, o momento específico da iniciação masculina que acontece nos três últimos

dias do ritual, justamente porque está ligado a dois grandes mitos de nossa cultura: “Baitogogo e Boroge fundam o reino dos aroe” e “Baitogogo se apodera do espírito Aije”.

Depois da descrição ilustrada do rito e da análise dos mitos, trabalhamos com três teóricos que, a meu ver, complementam o trabalho empírico, Mircea Eliade para compreender a circularidade do tempo mítico; Vitor Turner e Edmund Leach para compreender a questão dos ritos de passagem.

## **CAPÍTULO I - A Origem de Todas as Coisas**

### **1.1 - Os *Boe* eno *Bakaru*: a origem de todas as coisas**

Albisetti e Venturelli registraram, com a ajuda do *Boe* Tiago Aipobureu, a riqueza da nossa mitologia em volume de mais de mil páginas. Ao estudar esses mitos vamos perceber que grande parte deles pode ser considerada mitos de origem, ou seja, aqueles que “revelam a condição atual do homem, das plantas alimentícias e dos animais, da morte, das instituições religiosas, e das regras de conduta e do comportamento humano”. (ELIADE, 1991,98).

Os mitos de origem são semelhantes ao mito cosmogônico, porque a cosmogonia consiste no modelo exemplar de toda situação criadora, “tanto no caso do mito cosmogônico, como no caso do mito de origem, existe um começo, um tempo no qual alguma coisa teve sua origem inaugurada, a origem de uma coisa corresponde sempre à criação desta coisa”. (Idem)

Entretanto, o mito de origem, diferentemente do mito cosmogônico está registrado, em narrativas que envolvem simultaneamente personagens humanas e sobre-humanas, que tiveram seu lugar num tempo mítico. Esses entes sobrenaturais ao contrário dos deuses criadores e poderosos são mortais, e criam a partir de sua morte, pois eles não perecem definitivamente, transformam sempre em alguma coisa, que terá a sua origem inaugurada.

Esses personagens normalmente morrem em conflito com os ancestrais, porém é este fato que modifica o seu modo de ser e o dos humanos no mundo, a morte das divindades é apenas uma morte criadora, ela é essencialmente uma forma de permanecer na vida dos homens, e até sua morte, numa espécie de comunhão com eles: o homem se alimenta da

divindade daquilo que ela se transformou, e ao morrer torna a unir-se a ela no reino dos mortos. (ELIADE, *ibdem*).

Na sociedade *Boe* os “espíritos associados às diversas espécies animais, vegetais e cerimoniais, são ordenados sob a forma de propriedades associadas a heróis míticos ou *iedagamage* (princípios aglomerados de nomes pessoais) que em suas façanhas no passado, transformavam-se em animais, plantas, seres estranhos e fantásticos, animados ou inanimados, como se fossem máscaras transitórias para as suas manifestações. (VIERTLER, 1982, 345).

Os personagens ou divindades aparecem nas nossas narrativas míticas, sob a forma de duplas de irmãos *Baitogogo e Boroge*. Segundo Viertler (1982, 346), uma característica das sociedades de organização social dual o irmão mais velho é concebido como o irmão mais forte e o mais moço concebido como mais fraco e inexperiente

Além da característica de serem sacrificados, em função de conflito com ancestrais dos homens, e de se perpetuarem transformando-se em espécies úteis, essas divindades se caracterizam também pelo sacrifício físico lento e prolongado, sofrido durante a sua morte, entretanto são elas que abrem o caminho para o além, são as primeiras a apontar a longa viagem que as transformará no reino dos mortos. (VIERTLER, 1982, 347).

*Bakaru*, para nós *Boe*, é nossa história de antes, a nossa história de durante e aquilo que precisa ser conservado depois de meus pais, depois de mim e depois de meus filhos, netos, bisnetos. É o que esperamos que nunca se apague porque neles estão inscritos nossos valores relacionados à nossa vida, ditando as regras de como viver bem: conosco, com o outro e com a natureza; à nossa morte, como cuidar do corpo e como encaminhar a alma até às aldeias dos aroe, morada das almas de todos os *Boe* que tiveram vida aqui na terra.

A maior parte dos nossos *bakaru* podem ser considerados mitos de origem, aqueles *bakaru* que revelam a condição atual do nosso povo *Boe*, da nossa morte da nossa religião, das nossas regras de conduta associadas à natureza circundante como as plantas alimentícias, os animais e até os acidentes geográficos.

Os *bakaru* que escolhi para trabalhar com meus alunos estão associados às origens das flechas e das araras. O primeiro vai nos suprir das armas capazes de garantir nossa sobrevivência e inaugurar nosso totem maior, as araras, animal com o qual nos identificamos por causa da sua beleza e do seu voo inconfundível, em dupla no céu, lembrando-nos a todo instante de que somos duas partes de um todo chamado círculo, onde o masculino e feminino voam de uma metade para a outra, garantindo a perpetuação do nosso povo, da nossa raça.

Já os outros é um pouco difícil de trabalhar porque estão relacionados com o funeral. São *bakaru* que só pode ser estudado pelos alunos do sexo masculino porque está ligado à iniciação dos meninos e possui segredos em relação às meninas que se tornam adultas sem saber desses segredos. Na verdade, seria outro *bakaru*, mas como aconteceu de organizarmos um ritual funerário aqui em Meruri, achei que era uma boa ocasião de trabalhar com meus alunos já que a maioria deles seria iniciada nesta ocasião, uma forma também de inaugurar outro tipo de aula, agora no campo operativo da nossa cultura.

## 1.2- No princípio era assim

### A grande inundação



Esta foto ilustra a história de nossa origem como *Boe*, pessoa, gente, quem somos hoje. No início, em um mundo mítico habitado por pessoas diferentes do que somos hoje,

houve um grande dilúvio, nós *Boe* morremos todos, só restou um de nós que subiu em um morro bem alto e ficou esperando a água abaixar. Lá em cima acendeu um fogo e ficou jogando as brasas dos tições lá embaixo para ajudar na evaporação da água para poder descer. Quando desceu, não tinha mais ninguém, era só ele e a terra, mas a vida começou a aparecer e ele acabou cruzando com uma *pobogoaredo* (veado fêmea), depois de algumas gerações nos tornamos quem somos hoje.

Parece uma história simples e inocente, mas no fundo ela revela a nossa relação respeitosa com o mundo animal, com a natureza no sentido mais profundo, isto é, de ser parte dela, de não poder jamais ficar do lado de fora achando que somos superiores. Nascemos da natureza, pertencemos à natureza e compreender isto é nosso dever para continuarmos vivos.

O desrespeito às regras que possuem raiz na nossa relação com a natureza, mais especificamente na nossa dieta alimentar, pode causar danos irreversíveis a nossa saúde e nos levar à morte, aliás, esse é sempre o motivo de nossa morte, uma transgressão contra a natureza.

Antigamente nós éramos fortes, vivíamos muito, só comíamos as coisas que podiam ser comidas. Em todas as aldeias existiam os *baire*, xamãs dos espíritos que lidavam com as forças positivas e negativas da natureza, chamadas *Bope Pegareu* e *Bobo Pemegareu*. Era o *bari* que pedia licença aos espíritos da natureza para comermos isto ou aquilo. Ninguém tocava em nada antes do *Bari* dar a ordem, por isto éramos fortes, podíamos caminhar léguas e léguas. hoje pra ir ali na escola já chego cansado Hoje, depois que a colonização mudou nossa vida, quase todo dia morre um e o motivo é esse: beber e comer as coisas que vêm do lado de fora na nossa verdadeira vida. A criança vê coisa de mercado e fica doida, até mortadela hoje a gente come (carne não se sabe do quê e com a qual falta de respeito com a natureza o bicho foi criado e morto). Mas muita gente ainda respeita os bichos do mato que eram comidos só depois do exorcismo do *bari*, não tem coragem de comer, mas índio sem terra, sem fauna, vai comer o que? Come arroz com mortadela mesmo e bebe pinga pra esquecer que as florestas foram devastadas para a plantação de milho, algodão e soja, rios poluídos por causa de agrotóxico, fauna e flora completamente escassa. Isto aqui em Mato Grosso, mas tem lugar que ainda é pior, como as terras dos *Krenak* que tiveram seu “rio avô” inundado de lama tóxica de rejeitos de minério. Felizmente ainda temos voz para gritar juntamente com a natureza agredida assim como nós, pela ganância do mundo do capital. Resgatar os valores inscritos nos nossos *Bakaru* é necessário para nossa sobrevivência; divulgar é nosso dever para ajudar na construção de um mundo melhor para a humanidade.

### 1.3 - Nossos legisladores e moderadores *Baitogogo e Boroge*: três mitos importantes



Representações dos heróis míticos Baitogogo e Boroge, durante o Funeral do senhor EneldinoKugocereu - Meruri outubro de 2021

Esta dupla na ilustração acima é os irmãos legisladores do povo *Boe*, o mais velho, *Baitogogo* e o mais novo, *Boroge*. O mais velho embelezou rios, deu nome à acidentes geográficos, lutou contra inimigos, ensinou sobre como fabricar armas e enfeites e, principalmente, como um chefe do clã dos *Aroroe*, da metade *Tugarege*, cedeu seus poderes a um chefe do clã dos *Baadojeba* da outra metade, a *Ecerae*. Desde então os *Baadojeba* passaram a ser chefes cerimoniais, gente de muito peso nas aldeias *Boe*, com isto ensinou que

uma metade clânica devia viver pela outra com respeito reciprocidade e desapego. Uma coisa que achei interessante e que me fez ficar curioso para conhecer Lévi-Strauss foi a comparação que ele faz, em seu livro *Tristes Trópicos*, dizendo que a estrutura circular de nossas aldeias, dividida em metades permitia uma convivência pacífica de benefícios recíprocos, envolvendo a vida e a morte de nós *Boe* e que para compreender isto bastava imaginar um jogo de futebol no qual a preocupação do time de um lado era justamente ajudar o time do outro lado a marcar o gol. Era assim mesmo, ele entendeu bem.

A fotografia acima mostra o momento em que *Baitogogo e Boroge* voltam à aldeia, representados por dois atores, durante a representação clânica que aconteceu durante o rito fúnebre aqui em Meruri no mês de outubro passado. Estes são o Lauro *Pariko* e Miguel *Atugoreu*, eles estão pintados com a pintura deles e tocam os instrumentos de sopro *ika* e *pana*, esses instrumentos vão aparecer no *bakaru* que conta a morte da dupla de irmãos.

Do ciclo de mitos, que são sete, envolvendo *Baitogogo*, considero dois muito importantes, aquele em que *Baitogogo* apodera-se do espírito *Aíje* e o da sua própria morte, esses dois mitos estão relacionados e aparecem no ápice do funeral, momento da iniciação dos rapazes.

#### **1.4- *Baitogogo* e a origem das flechas e das araras**



Ilustração Gonçalo Koetaro

Antigamente os *Boe* contavam que, o índio *Butore Agadu* (membro do clã dos *Iwagudo Cobogiwu*), enquanto caçava, viu um ser estranho e lhe perguntou: “Quem é você?” “Sou a taquarinha (*tugo*)”, respondeu. Então, *Butore Agado* juntamente com sua esposa pegaram as taquarinhas. Como as outras taquarinhas menores também estavam presentes, eles pegaram, então, um pouco das maiores e um pouco das menores, e levaram para o chefe *Aroia Kurireu* (membro do clã dos *Iwagudo Cebogiwu*) que era seu avô paterno.

Vendo a nova descoberta, *Aroia Kurireu* pediu à *Butore Agadu*: “Vamos mostrar essas taquarinhas para *Baitogogo* (membro do clã dos *Aroroe Cobogiwu*), assim poderemos ter as taquarinhas como os nossos *iedagamage* (esse termo é dado à alguém como sinal de respeito e

deferência, meus sogros, meus padrinhos, etc.) e pertencer ao nosso clã”. *Baitogogo*, ao ver as taquarinhas, exclamou: “Sim, são mesmo taquarinhas (*tugo*)”. E acrescentou: “A maior será do meu clã e a menor será do vosso clã”.

Essas taquarinhas, que os *Boe* pretendiam converter em flechas, não tinham asas e então os três homens, *Butore Agadu*, *Aroia Kurireu* e *Baitogogo*, chamaram os percevejos vermelhos, amarelos e pretos e, em seguida os transformaram respectivamente em *nabure*, ararapirangas, *kuido*, araras e *cibae*, araragangas, que lhes podiam fornecer penas de muitas cores.

Depois, *Baitogogo* foi escolher um cipó-imbé que pendia de um alto jatobá e *Aroia Kurireu* apanhou outro, que descia de um jequitibá. Com a casca retiradas deles amarraram entre si vários seguimentos de taquarinha que haviam preparado, e fabricaram lindas flechas, emplumadas com as penas de araras.

Os membros do clã dos *Iwagududoge* (gralha-azul) gostaram muito das taquarinhas (*tugo*) que inventaram para si nomes derivados dessas taboquinhas e não permitiram que os *Boe* de outros clãs a usassem.

### **1.5- O chefe *Baitogogo* apodera-se do espírito *Aije***

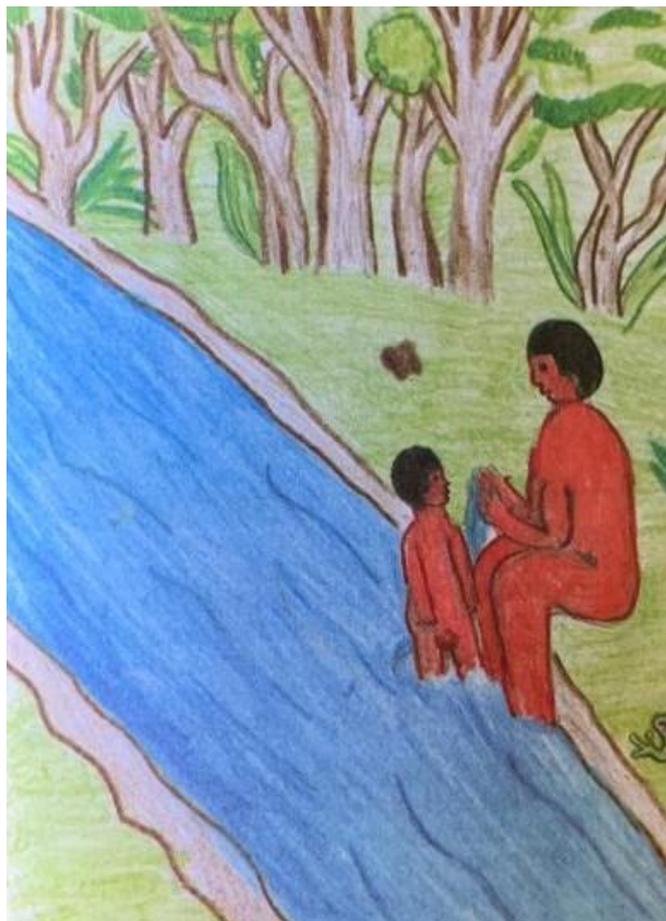


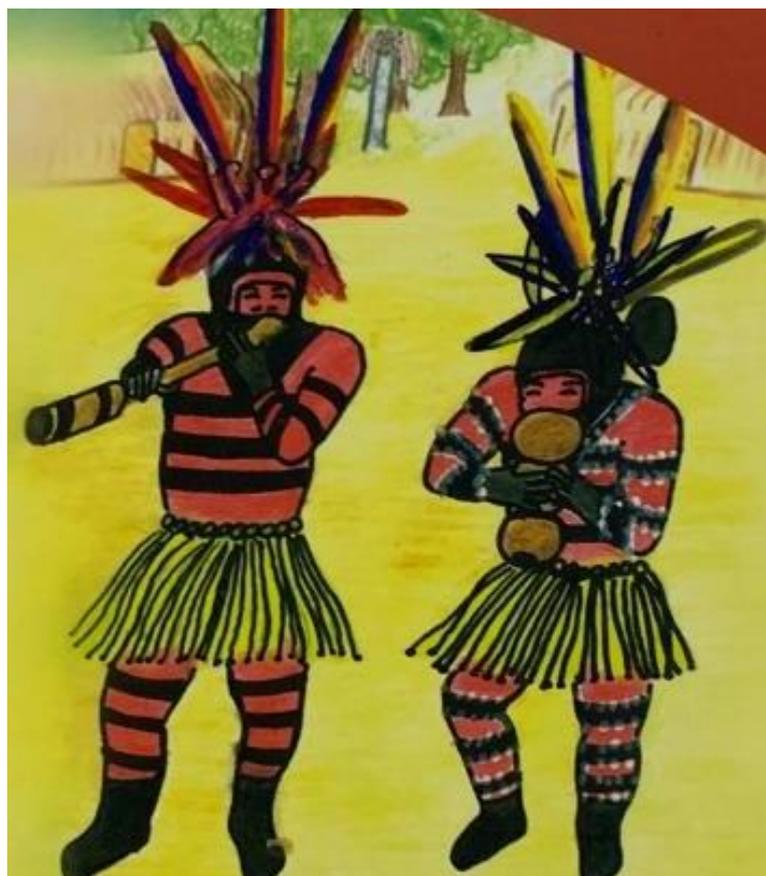
Ilustração Gonçalo Koetaro

O menino *Rugubu*, estava andando pelos brejos quando encontrou um girino de sapo chamado *aije*, na nossa língua. Achou tão interessante que o levou para casa para criar. Colocou dentro de uma tigela de barro, com água, feita por sua mãe. Alimentava o bichinho e pedia que se tornasse um ser excepcional para ele e seu clã, até que o animalzinho começou a crescer desordenadamente e não havia mais tigelas que coubesse o ser que estava se tornando. *Rugubu* querendo homenagear o “ser” fez para ele uma dança pobre de enfeites que *Aije* não gostou. Sabendo da existência daquele ser em sua aldeia, *Baitogogo*, vai até a casa de *Rugubu* usando um rico *pariko* e dança em homenagem ao *Aije*, tomando-o para si como seu totem mais importante. Em seguida, ordenou que ele habitasse lugares que tivessem bastante água, brejos, lagoas e que ficasse por lá bem escondido porque o seu grito seria ruim para os *Boe* que não deveriam vê-lo nem ouvi-lo.

*Aije* prometeu que obedeceria *Baitogogo*, mas deixou escapar que se *Rugubu* sentisse saudade que fabricasse os zunidores que ele falaria com ele através do som produzido por esses objetos. Mas isto deveria ficar em segredo, depois de utilizados deveriam voltar aos pântanos e lagoas.

Mas apesar de modelo para todos, o herói *Baitogogo* também teve seus tempos de dificuldades, isto está inscrito no mito retratado na ilustração apresentada abaixo.

#### 1.6- Os chefes Baitogogo e Boroge vão chefiar o reino dos mortos



Heróis míticos Baitogogo e Boroge

Baitogogo trabalhava na construção das pontas de suas flechas e uma de suas mulheres tinha ido colher frutas. Como ela estava demorando, seu filho foi atrás e viu que ela traía o pai com outro homem. Voltou pra casa e contou ao pai, o pai fingiu não ouvir, mas o filho insistiu tanto que ele foi ao encontro dos adúlteros e matou o homem que se transformou em uma anta. Na calada da noite, enforcou a mulher enquanto dormia e enterrou o corpo na própria aldeia. O menino deu falta da mãe, mas ele disse que ela estava fazendo qualquer coisa fora da aldeia. Como ela demorava e não chegava nunca, o menino começou a chorar e chorou tanto que se transformou em um bem-te-vi. Ele voou e defecou no ombro do pai. Ele lavou ali, mas não adiantou a mancha não saía. Bem no lugar nasceu uma árvore de *akogoi*, tarumã, a mesma espécie embaixo da qual a mãe do menino havia sido possuída. A árvore cresceu

tanto que começou a ficar difícil carregar e nosso herói, com *poguru*, vergonha, não teve outro jeito senão se afastar. Foi morar nos rios, nos lagos unindo-se ao seu totem principal, o *Aije*.

Mas ouvindo o canto dos seus súditos, sentiu saudade e quis voltar à aldeia. Chegando lá seu irmão mais novo, *Boroge*, pediu para ir com ele e ele disse que não porque morava em um lugar escuro e ruim. O irmão ficou triste, mas *Baitogogo* prometeu voltar. Quando os *Boe* entoaram cantos em outra ocasião acompanhados dos instrumentos de sopro, *pana* e *ika*, *Baitogogo* voltou e seu irmão insistiu tanto, dizendo que levaria os instrumentos para alegrar o lugar, que ele aceitou a companhia de *Boroge*. Assim eles desapareceram e só retornam quando alguns atores os chamam e os incorporam durante alguns rituais. Segundo o *Aroe etawaraari*, xamã das almas, eles fundaram as aldeias dos mortos no Leste, o nascer do sol, o lugar chefiado por *Boroge* e Oeste, o pôr do sol, o lugar chefiado por *Baitogogo*. Os dois irmãos passaram a se chamar *Bakororo* e *Itubore*.

O mito da posse do *Aije* e da morte de *Baitogogo* possui um ponto muito importante, os dois, tanto *Aije* quanto *Baitogogo* foram habitar em um primeiro momento, no caso de *Baitogogo*, nas águas, o fundo do rio, lugar lamacento e os pântanos e lagoas, também lugares com as mesmas características. Como seu totem principal, o *Aije* está associado à *Bakororo*.

Outro ponto importante é que o mito da morte de *Baitogogo* institui o *poguru*, uma espécie de sentimento parecido com a vergonha do mundo dos *braidoge*, brancos. A árvore que nasceu no seu ombro plantado pelo órfão da sua mulher, simboliza esse sentimento, uma transgressão associada à outra transgressão: *Baitogogo*, sem poder com o peso do *poguru*, preferiu afastar-se, já que não podia voltar atrás no que havia feito, mas criou outro mundo para as almas dos mortos, lugar para o qual, a alma de sua mulher poderia também ser recebida. O amante virou anta e deu origem ao totem do clã dos *Kiedo* e o filho virou um pássaro que canta até hoje nas aldeias de seu povo.

A ligação do *Aije* com *Baitogogo* é que quero desvendar em outro momento deste trabalho, aquele que vai tratar da iniciação dos meninos durante o funeral que aconteceu em Meruri no final de 2021. Durante esse funeral, praticamos e vivemos nossos *bakaru* e mais, pudemos transformar os rituais em verdadeiras aulas culturais, pois nossa Escola permitiu que as aulas fossem práticas, liberando todos da Escola formal.

Este trabalho pretende criar uma metodologia para trabalhar com os mitos na Escola inserindo-os no nosso currículo escolar. Vou mostrar como isto pode ser feito em dois momentos; na escola ou arredores ou durante algum ritual. Para isto vou trabalhar com esses

três mitos, todos do mesmo ciclo de mitos que envolve *Baitogogo*: “*Baitogogo* e as flechas: origem das flechas e das araras”, “*Baitogogo* apodera-se do espírito *Aije*” e “*Baitogogo* e *Boroge* vão chefiar o reino dos mortos.” Não é possível falar de educação, escola, ensino aprendizagem, sem contar, ainda que brevemente a nossa história com a educação formal que veio com a colonização. Vou tratar disto usando ilustrações de fotografias do passado para melhor descrever este período.

## **CAPÍTULO II - A Educação Formal e sua ruptura**

## 2.1 - A educação formal em Meruri: primeira metade do século

OS Salesianos, congregação fundada por São João Bosco na Itália, vieram para o Brasil nas últimas décadas do século XIX a convite de Dom Pedro II, cuja esposa Tereza Cristina também era italiana e, com certeza, influenciou na decisão. Vieram primeiramente para o Rio de Janeiro para fundar um colégio e depois esparramou por todo lado e chegou aqui na nossa região também no fim do século XIX. Os conflitos interétnicos e com os brancos aqui em Mato Grosso eram sangrentos e os missionários vieram para apaziguar as verdadeiras guerras entre os diferentes povos que aqui existiam. Os mais velhos contavam sobre os Kaiapó, que navegavam sornateiramente pelos rios que passavam pelo nosso território matando e saqueando nossa gente. Como guerreiros, também revidávamos e as coisas andavam feias por aqui. Assim, Dom Bálzola chegou aqui perto, nos Tachos, em 1898 e fez contato com nossos antepassados. Tem muitas histórias sobre esse contato que vale a pena saber, mas não vou contar para não desviar do assunto.

Importa saber a postura tomada pelo Estado brasileiro e pela Igreja. Para ilustrar essa fase transcrevo o que o missionário Pe. Antônio Colbachini escreveu em 1919, pagina 7:

São elles a imagem perfeita do homem inteiramente livre, abandonando a si mesmo, às forças da própria paixão, e empanada a luz da inteligência e da razão. Impressiona o mísero estado da mente e do coração d'elles. Sem lei, sem uma autoridade, sem um empecilho à força e aos estímulos dos vícios e dos erros (...) Não há entre eles nenhum respeito aos vínculos matrimoniais (...) as leis da humanidade são desconhecidas, matam às vezes os recém nascidos sem o mínimo sentimento de remorso (...) não respeitam nem reconhecem o direito de propriedade: resulta d'ahi o furto contínuo comum (...) o orgulho deles está de acordo com a grande ignorância (...) A'guisa de brutos vivem deliciando-se no comer e nas paixões. Apesar de tudo isso, divulgam-se-lhes idéias religiosas e várias ceremonias supersticiosas (...) Evidentemente não se encontra, no caráter delles, traços dos princípios christãos que são a parte principal de nossa civilização. (...) Existe, porém, a luz natural da razão porque são humanos como nós, mas por causa do seu estado e das miseráveis condições em que se acham, está essa luz quase apagada (...) compensam esses defeitos algumas bellas qualidades que não lhes faltam, como o demonstra o desejo que têm de se elevar em religião e moal. Estas boas qualidades, estas energias encontram-se latentes, sufocadas pela ignorância e superstição. Só a caridade e a religião poude modificar o estado deplorável dos índios *Boe* na liberdade da vida selvagem.

Parece que Pero Vaz de Caminha foi mais generoso com os primeiros brasileiros do que Antônio Colbachini conosco, mas já ouvi dizer que eles escreviam essas coisas para impressionar aqueles doadores de recursos para as missões no mundo. Tem sentido porque apesar de tudo o primeiro livro sobre nós foi de Colbachini, considerado um grande etnólogo

pela Antropologia, e a Enciclopédia *Boe* pelos seus sucessores, um registro minucioso de nossa cultura e que hoje serve a todos como material de pesquisa.

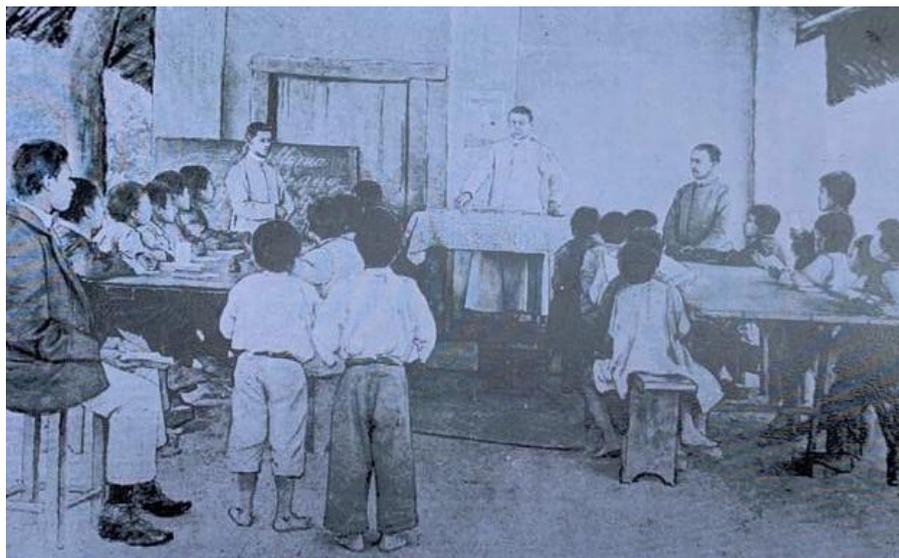
Verdade ou não, pode-se imaginar o estranhamento cultural porque a distância entre as duas culturas era mesmo um oceano inteiro: uns vestidos até os pés reverenciavam a um único Deus, com orações silenciosas, cabeças baixas em sinal de obediência; outros, com seus corpos nus, respeitavam a natureza, não tinha nenhuma sanção após a morte, nem céu, nem inferno; no lugar do pecado, a vergonha (*poguru*) e a única coisa que temíamos era o *Bope Pegareu*, a própria força da natureza contrária às nossas transgressões. Essa força foi confundida pelos missionários com o demônio, diabo e todos os nomes dos males católicos, mas no fundo, é só a força natural e destrutiva da natureza quando agredida. Está aí hoje a prova disto: o caos que está o mundo porque os humanos não respeitaram as leis que estão lá dentro da força natural da vida do planeta. Ao invés de descobri-las para preservar o planeta, os homens a exploraram ao extremo em favor do capital. Este sim pode ser chamado de demônio, de mal do mundo. O *bope* ainda é um assunto a ser estudado, quem sabe alguém se habilita.

Esta foto abaixo ilustra bem essa época, veja que tristeza os menininhos vestidos da cabeça aos pés em pleno sol do Mato Grosso, na roça de mandioca e cabaças introduzida pelas missões. Eu sempre penso comigo o porquê das pessoas darem a outras aquilo que é bom para elas mesmas. Nós éramos seminômades, não plantávamos nada, servíamos do que a natureza nos oferecia com reverência e respeito. Aquilo que é bom e bonito para um, pode não ser para o outro. Mas, trocando em miúdos, compreendo e respeito os missionários porque estão fazendo com devoção e amor aquilo que acreditam, embrenhando-se no cerrado, nas florestas, morrendo em defesa daquilo que é seu bem maior e, nesse ponto também são vítimas, utilizadas pela Igreja capitalista. A trajetória de Jesus Cristo eu entendo porque é uma história de colonização, o que não entendo é o que as igrejas fizeram com o nome Dele, mas seus ensinamentos são universais e contra as coisas ruins que muitas igrejas propagam, por isso compreendo nossa comunidade católica merureense. Não sou contra os missionários, sou contra a lógica capitalista das religiões que utilizam o nome de Cristo que eu também respeito e admiro. Considero importante me posicionar aqui porque não quero condenar ninguém porque, de um processo histórico de colonização, todos estamos no mesmo barco, missionários e os povos indígenas e todos nós somos vítimas.



Missionário e crianças *Boe* na roça de mandioca e cabaça, início do século XX

Voltemos então à história da educação formal em Meruri. Para os missionários, fixar a população indígena era fundamental para a aplicação de sua metodologia e é verdade, tiveram dificuldades, pois se nós mudávamos por fora, não mudávamos por dentro, se nos vestiam em um dia, no outro já estávamos novamente nus; se rezávamos na igreja, não abandonávamos nossas crenças em casa, até que os missionários decidiram iniciar o trabalho com as crianças e ai fundaram a Escola, em 1902, dentro de uma política integracionista empregada pelo Estado que, além da catequese, envolvia o aprendizado da Língua Portuguesa, de ofícios profissionalizantes e, inclusive, um internato masculino e feminino que durou mais de meio século.



Escola profissionalizante para meninos, início do século XX



Escola profissionalizante para meninas, início do século XX

Este internato possuía atividades escolares, profissionalizantes e recreativas seguindo o pensamento de Dom Bosco que é o de “formar cidadãos honestos e bons cristãos”. Dentro desse modelo o internato/escola separou pais de filhos, interrompeu o processo natural de transmissão dos códigos culturais, fundamental a “identificação étnica tribal”. (RIBEIRO, 1996, p. 12) Isto durou até os anos 1970 com mudanças radicais na igreja da América do Sul.



Crianças *Boe* do internato

É bello e fa piacere Il vedere in ordine ed in silênzio, obedire al suonodella campana che li chiama Allá preghiera o al lavoro e travolta, nel stesso bolar del giuoco vederli cessar dibotto i loro trantuli e correre com aria ilaria e disinvolta ad ascoltare la voce del missionário che li chiama (Bolletino Salesiano, anno XXXII, N. 4 aprile, 1908, p. 116.)

Foram várias as conquistas das missões em relação à catequese e a nossa integração ao modelo educativo ocidental durante mais de sessenta anos. Uma delas é a famosa viagem ao Rio de Janeiro nos festejos do centenário da abertura dos portos ao comércio estrangeiro, quando Don Malan levou a banda de música dos *Boe* para se apresentar na grande exposição promovida pelo governo em 1908. É verdade que nós *Boe* temos muita aptidão para arte, principalmente para a música e como os primeiros missionários eram muito cultos, não demorou muito para formarem essa banda. Muitos anos após este evento a banda foi extinta, mas ainda hoje, tem ancião aqui em Meruri que tocou nessa banda. Esta apresentação foi muito importante porque aflorou a discussão que vinha acontecendo sobre a natureza do índio porque as pessoas nos viam como incapazes e nós mostramos que nossa capacidade não era diferente da de ninguém. Veja que ironia, até ter de provar que nós indígenas éramos dotados de inteligência já tivemos de fazer. É triste, mas conseguimos, paradoxalmente, com a ajuda do próprio colonizador.



Banda de músicos *Boe* no Rio de Janeiro, 1908

Em 1912 o General Cândido Rondon visitou a missão e deixou esta consideração no livro da Missão:

É com especial prazer que menciono os efeitos morais obtidos pela terna acção das dedicadas irmãs auxiliadoras, no meio feminino da Colônia ensinando as jovens índias, os mysteres do lar doméstico, o manejo das rodas de fiar e dos teares; enfim, transmitindo-lhes novos gostos que modificarão de fato, os seus costumes e nova orientação imprimirão à sua vida de família (MISSÃO SALESIANA, 1912, p. 26).



Irmã e meninas *Boe* - início do século XX

Rondon teve uma participação importante na nossa história, porém, não diretamente com conosco aqui em Meruri, mas com os *Boe* da região do rio Vermelho, onde surgiu a cidade de Rondonópolis. Foram os *Boe* dessa região que guiaram a expedição de Rondon na construção da linha telegráfica ligando o Mato Grosso a São Paulo. Teve uma relação muito respeitosa com os *Boe* e isto influenciou a fundação do SPI - Serviço de Proteção ao Índio.

Apesar disto, se por um lado a educação formal dos missionários andava de “vento em popa” aqui na região, aparentemente adaptados à nova maneira de viver, caminhando para as roças de milho, arroz e feijão, os filhos no internato, as mulheres aprendendo a fiar o algodão, fazer o tecido e costurar, nós *Boe*, por outro, continuamos a realizar nossos rituais longe no mato, longe dos missionários, não por medo, mas por respeito à religião que estava sendo introduzida e para manter a paz entre colonizador e colonizado. Também os pais exerciam a sua autoridade educativa com aqueles que fugiam do internato. Foi por causa dessa resistência velada que ainda somos *Boe* nos dias de hoje. Temos a nossa cultura milenar que atravessou

barreiras desde o primeiro contato com os bandeirantes no rio Cuiabá (Ikuie Pa - lugar do meu enfeite).



Representação Clânica – Funeral 2021

## 2.2 - A segunda metade do século: a ruptura com o modelo antigo

Foram muitos os fatos importantes que desencadearam as mudanças da segunda metade do século na catequese e, conseqüentemente, na educação formal em Meruri e a principal delas foi o Concílio Vaticano Segundo, nos anos 1960. Este encontro da alta cúpula da Igreja repensou a posição desta nos diferentes continentes e, em consequência disto, enquadrou na categoria dos povos de Deus, as várias frentes de diferentes seguimentos da sociedade. Tempos depois, aconteceu a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín que, por sua vez, incluiu dentre os “povos de Deus,” os “povos oprimidos” e, embora as questões indígenas não tivessem em pauta, a escolha pelos “povos oprimidos” pela igreja na América do Sul, ajudou a dar início a uma pastoral indigenista em favor de nossos direitos

Os mais velhos que estudaram no internato (ainda temos o Sr. Benjamim que, inclusive, canta a “Salve Rainha” em Latim) falam ainda hoje que nunca esperava que um dia as coisas fossem mudar aqui em Meruri, mas isto começou a mudar ainda na primeira década da metade do século quando:

[...] a catequese não pode proceder como quem corta, mas como quem enxerta; não como quem substitui, mas como quem acrescenta algo mais; por isso a evangelização será suficiente se não abalar os fundamentos das crenças tribais, apoiando-se nos conjuntos de suas tradições.

Paradoxalmente, tudo aquilo que constituía um obstáculo para a catequese no passado começou a ser visto agora de forma diferente, mas onde estariam “os fundamentos das crenças tribais depois de mais de meio século de colonialismo repressivo? Como apoiar no “conjunto de suas tradições” agora esfacelado? Contudo, alguma coisa restou porque os próprios missionários cunharam a Língua *Boe* e escreveram a Enciclopédia *Boe* com a ajuda do controvérsido *Boe* Tiago Aipobureu.

Os *Boe* de Rondon das aldeias próximas ao Rio Vermelho e outros do Pantanal nunca deixaram de celebrar seus rituais, então recuperar alguma coisa não foi tão difícil, já que nós temos o costume de não parar em um lugar só e também do marido ir morar na casa da sua mulher após o casamento. Assim, muitas pessoas com uma bagagem cultural considerável se casaram com mulheres merurenses e vieram viver aqui. Foi o caso do grande chefe Antônio Kanajó que se casou com uma mulher daqui, Dona Natividade, e teve seus filhos em Meruri. Kanajó tornou-se um grande líder cultural em tempos mais leves. Contudo, desconstruir é sempre mais fácil do que reconstruir e ainda estamos trabalhando nesse sentido até hoje, em benefício de uma recuperação da nossa identidade enfraquecida e da nossa auto-estima, temos conseguido, principalmente, de uns anos para cá, felizmente, agora com o apoio dos missionários. Eles já quiseram ir embora, mas nós mesmos não quisemos que eles fossem porque agora, depois de 124 anos, eles se tornaram uma proteção para nós contra os fazendeiros que não perdem uma chance de mudar suas cercas em seu favor, sem contar a ladroagem dos nossos vizinhos Xavante que, volta e meia, querem mais um pedacinho do que é nosso. Tivemos missionários muito importantes aqui em Meruri que nos amaram e nos amam verdadeiramente. É o caso de Padre Ochoa, Pe. Rodolfo e outros e ninguém obriga ninguém a nada mais aqui em Meruri.



Padre Rodolfo Lukenbein e Padre Gonçalo Ochoa

Continuando com a nossa história da segunda metade do século XX. Outro fator que ajudou os povos indígenas foi a resposta que a Igreja deu à crítica sofrida pela Antropologia da época, por meio da Declaração de Barbados:

A missão é a verdadeira razão de ser da igreja (...), descobrir a presença de Deus Salvador em todo povo e cultura. (...) Nossas igrejas tem sido solidárias ou instrumentalizadas por ideologias e práticas opressoras do homem (...) a missão exige o diálogo ecumênico, participação ativa dos índios na sua organização e contribuição de especialistas em ciências humanas, a avaliação das atividades da igreja e informação à opinião pública sobre a verdadeira imagem dos povos indígenas e seus direitos inalienáveis.

Outro fato a nosso favor, apesar de todas as dificuldades, dentro dessa nova perspectiva foi a criação do CIMI – Conselho Indigenista Missionário que teve como seu primeiro presidente o Pe. Angelo Venturelli, um dos coautores da Enciclopédia *Boe*. O CIMI, juntamente com as CEBs – Comunidades Eclesiais de Base e a CPT – Comissão Pastoral da Terra mobilizou os fiéis em favor das causas sociais, assumindo a defesa dos povos oprimidos da sociedade, inclusive os índios. Desta movimentação, nasce o Estatuto do índio, instrumento legal de reivindicação dos povos indígenas para a demarcação de suas terras.

E foi com a reivindicação da demarcação da Reserva de Meruri que aconteceu a invasão por 40 fazendeiros na Missão e matou o missionário alemão, Pe. Rodolfo Lunkenbein

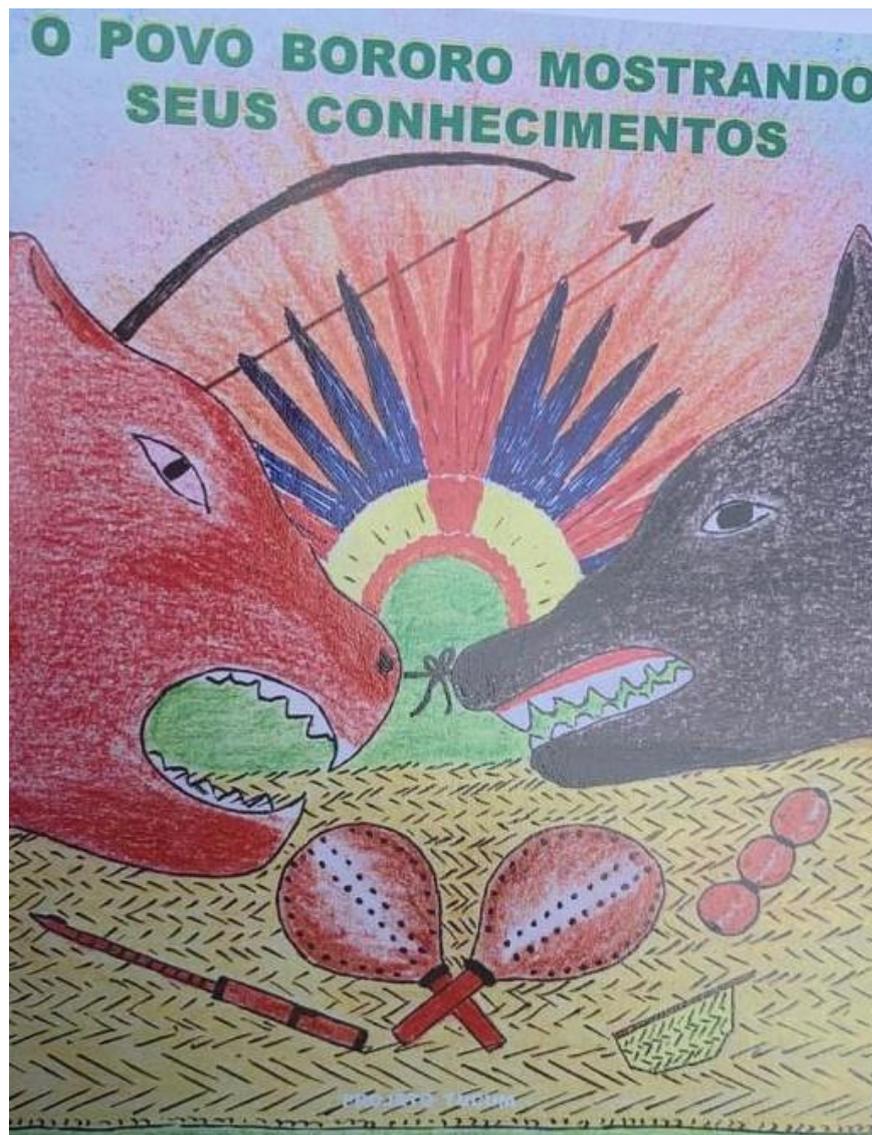
e o *Boe* Simão. Muitas polêmicas diplomáticas aconteceram e, assim, a FUNAI se sentiu obrigada a demarcar as terras dos *Boe* das missões

Mudanças radicais aconteceram mesmo antes da morte de Padre Rodolfo e Simão: a inculturação por parte da igreja em suas celebrações tiveram início com Padre Rodolfo e depois do seu assassinato e de Simão *Boe*, o internato foi desmontado, os brancos que moravam em Meruri foram expulsos, construiu-se uma aldeia nos moldes tradicionais nas proximidades do rio Garças e ergueu-se a casa central no centro da aldeia de Meruri e até as missas começaram a ser em *Boe*. Pobres de nós que agora tínhamos de rezar a missa na Língua *Boe* que já estava agonizando para morrer. Hoje, Padre Rodolfo e Simão estão sendo canonizados pelo Vaticano, perfeitamente compreensível por nós porque foi do seu sangue, da sua morte que nasceu a nossa reserva, um “mito de origem” da terra que aconteceu debaixo de nossas barbas e, portanto, ele é nosso herói, pode ser santo também porque nós o amamos com devoção.

Todos esses fatores, obviamente, contribuíram para o desenvolvimento de uma escola agora voltada para nós *Boe* e desde os anos 1970 ela passou a ser aprovada pela Secretaria de Educação de Mato Grosso como Escola de Primeiro Grau Sagrado Coração de Jesus de Meruri e desde então começou a engatinhar a procura de um modelo que a tornasse realmente uma autêntica e autônoma escola de educação indígena, bilíngue, específica e diferenciada, comunitária e multicultural.

Nós professores sabemos que esse era e continua sendo um projeto ideal e ambicioso, as dificuldades foram muitas e sentidas imediatamente, pois apesar de ser uma escola bilíngüe não era diferente da escola anterior, cheia de salesianos dirigindo, coordenando e dando aula. Contudo, surgiram movimentos indígenas e indigenistas que começaram a conquistar políticas públicas interessantes em defesa de currículos escolares, especificamente indígenas, como por exemplo, o Conselho Estadual de Educação Indígena com abertura de vaga para nós; a realização da Conferência Ameríndia de Educação e o Congresso de Professores indígenas do Brasil. Isto em nível nacional.

Nos anos 1990, esses ideais começaram a se materializar por meio da organização de seminários tratando do assunto, mas os grandes obstáculos a serem vencidos eram a mudança das responsabilidades das escolas mantidas pela FUNAI para o estado ou municípios, a valorização do profissional indígena e sua inserção na categoria de professor, inclusive com salário condizente com a sua formação.



Nesta mesma década a Secretaria de Educação do Mato Grosso criou uma equipe técnica Educação Escolar Indígena, junto à Coordenadoria de Política Pedagógica para criar programas voltados para esses povos. Assim teve início a implantação de um programa de formação e titulação de professores em nível do antigo curso de magistério. Assim, nasceu o “Projeto Tucum”, concluído em 2001 que formou em nível médio 176 professores. Meruri foi um dos polos escolhidos para a implantação do Projeto. Este projeto teve como base um currículo diferenciado, específico, intercultural e bilíngue levando os professores indígenas ao prazer da descoberta trazendo o cotidiano da comunidade para a sala de aula. Eu poderia fazer um trabalho só sobre o Projeto Tucum porque eu, como na época era jovem professor *Boe*, fui um de seus alunos e considero um marco na mudança das Escolas Indígenas no Mato Grosso.



Professor Gérson Mário Enogureu

Junto ao término do curso tivemos a implantação do nosso Museu Comunitário, um projeto de muga Aivone que trouxe da Itália as fotografias da coleção *Boe* existente lá onde Dom Bosco nasceu em um museu que tem objetos dos índios de muitas partes do mundo. Para a criação deste museu, fizemos muitas oficinas tendo as fotografias como modelo. Foi também repatriados 14 objetos da nossa cultura material que chegou no dia da inauguração do nosso Museu. Este museu foi criado para ser um laboratório didático da nossa escola. Ali fizemos muitas oficinas de criação cultural, recordando técnicas de fabricação de objetos, associadas aos mitos de origem relembrando os grandes heróis da nossa ancestralidade.



Homem *Boe* na oficina de pariko

Ficamos muito entusiasmados com a possibilidade de trabalhar com objetos da nossa cultura. A partir de então tivemos nossas casas reformadas e começamos um ciclo de muita fartura de cultura, pois os objetos do museu podem ser retirados e utilizados por cada clã de direito e depois devolvido para ser cuidado por Leonida, a curadora *Boe* dos objetos do museu. As casas da aldeia do Garças também foram reformadas e se tornou palco de muitos rituais funerários.



Crianças *Boe* estudando no museu comunitário

A ideia do museu como laboratório didático da Escola não vingou, infelizmente, porque o Diretor da nossa Escola e também o coordenador pedagógico eram salesianos e não compreenderam a proposta. Certa vez, participei de uma reunião com essa direção e os conselheiros da Escola, lideranças da comunidade em que trucidaram muga com perguntas. Eles achavam que ela estava ganhando dinheiro em cima da gente. Ela explicou tudo, mas não adiantou, o padre diretor da Escola não entendeu a proposta. Dez anos depois esse mesmo

padre foi estudar em São Paulo e Muga foi chamada para sua banca de defesa de mestrado, aí ele pediu desculpas para ela dizendo que só depois de ter estudado havia entendido o trabalho de muga em Meruri. É, eu sempre falo: alienação atrapalha!

Particpei muito de perto desse trabalho conjunto feito aqui conosco em Meruri, Particpei de todas as oficinas e, com a divulgação do trabalho, fomos convidados para uma exposição auto representativa em Gênova em 2004 em um Castello. Foi muito importante para nós, isto foi muito vigoroso para nossa identidade. Éramos cinco *Boe* falando de nós mesmos, de nossa cultura para outra gente, significativamente em Gênova, lugar do qual partiu Colombo para destruir a América de tantos povos. Apesar de tanta destruição estávamos ali, vigorosos para todos verem nossa vitalidade.



Exposição *Boe* Nure Imi em Gênova – Itália - 2006

Ali, achei interessante porque éramos chamados pelos visitantes de “*Boe* de Lévi-Strauss.” Fui falar com muga a respeito disto, porque estava incomodado, pois no Brasil nós éramos “*Boe* das missões” e ali, do outro lado do oceano, éramos “*Boe* de Lévi- Strauss”? Quando é que seríamos de “*Boe* nós mesmos”? Foi boa a conversa porque foi ela que nos levou ao gabinete do Antropólogo em Paris nesta mesma ocasião. Foi bom, ele estava muito emocionado e nós nos sentimos importantes. Cantamos para ele e o presenteamos. Achei interessante porque normalmente a gente gosta de ver um cantor, um artista, e ali eu estava achando bom ver um intelectual e, só porque ele conheceu nossos antepassados e compreendeu como nos relacionávamos, ele era importante para mim. Na volta para Gênova, no trem, fiquei pensando, como eu gostava de mim, como eu gostava de ser *Boe*. Estava me sentindo plenamente *Boe*.



Gérson Mário apresentando Levi Strauss, em seu gabinete – Paris 2006

Depois disto, fui em Barcelona na Espanha no Instituto Ibero-americano, para falar sobre nosso Museu Comunitário e essas viagens fora do Brasil abriram caminhos para meus estudos na faculdade e só reforçou minha vontade de fazer alguma coisa por nossa comunidade e nossa cultura. Em relação ao nosso Museu, perdemos tempo por comodidade, mas ele está aí, servindo nossa comunidade até hoje. Foi um projeto que deu certo, já tem 22 anos e está aí, podemos utilizá-lo já que a partir da segunda década deste século a Escola Estadual Sagrado Coração de Jesus é nossa, todos os funcionários são *Boe* e podemos utilizar nossa criatividade como quiser.

Posso dizer que estamos vivendo um momento muito produtivo na nossa Escola, motivo pelo qual estou tentando criar uma metodologia de ensino aprendizagem para aplicação dos mitos na escola, com meu projeto de mestrado. Esta pesquisa faz parte de um projeto maior, o Projeto Bakarú, uma proposta de revitalização dos nossos mitos incluindo-os no processo ensino aprendizagem na escola com base na Produção Partilhada do Conhecimento, uma metodologia trazida pelo professor Bairon, Marília Librandi e *muga* Aivone. Algo novo e que estamos gostando muito da Universidade dentro da nossa aldeia também querendo aprender conosco. Já era hora de termos voz.



Professor Sérgio Bairon em diálogo com o Gérson

## CAPÍTULO III - Proposta Pedagógica: os Bakaru na Escola de Meruri

### 3.1 - Plano pedagógico para inclusão do Bakaru na Escola

- a) *Bakaru* escolhido: O chefe *Baitogogo* e as flechas: origem das flechas e das araras

Antigamente os *Boe* contavam que, o índio *Butore Agadu* (membro do clã dos *Iwagudu Cobogiu*), enquanto caçava, viu um ser estranho e lhe perguntou: “Quem é você?” “Sou a taquarinha (*tugo*)”, respondeu. Então *Butore Agado* juntamente com sua esposa pegaram as taquarinhas, como as outras taquarinhas que é um pouco menor também estavam presentes, pegaram, então, um pouco da maior e um pouco da menor, e levaram para o chefe *Aroia Kurireu* (membro do clã dos *Iwagudu Cebegiu*) que era seu avô paterno.

Visto a nova descoberta, *Aroia Kurireu* pediu à *Butore Agadu*: “Vamos mostra-las para *Baitogogo* (membro do clã dos *Aroroe Cobogiu*), assim poderemos ter as taquarinhas como os nossos *iedagamage* (esse termo é dado à alguém como sinal de respeito e deferência, meus sogros, meus padrinhos...) e pertencer ao nosso clã”. *Baitogogo*, ao vê-las, exclamou: “Sim, são mesmo taquarinhas (*tugo*)”. E, acrescentou: “A maior será do meu clã e a menor será do vosso clã”.

Essas taboquinhas, que os *Boe* pretendiam converter em flechas não tinham asas e então os três homens, *Butore Agadu*, *Aroia Kurireu* e *Baitogogo*, chamaram os percevejos vermelhos, amarelos e pretos, em seguida os transformaram em respectivamente em arapirangas, araras e araraúnas que lhes podiam fornecer penas de muitas cores.

Depois, *Baitogogo* foi escolher um cipó-imbé que pendia de um alto jatobá e *AroiaKurireu* apanhou um, que descia de um jequitibá. Com a casca retirada deles amarraram entre si vários seguimentos de taquarinha que haviam preparado, e fabricaram lindas flechas, emplumadas com as penas de araras.

Os membros do clã dos *Iwagudu doge* (gralha-azul) gostaram muito das taquarinhas (*tugo*) que inventaram para si nomes derivados dessas taboquinhas e não permitiram que os *Boe* de outros clã não a usassem.

- b) Oficina de escuta

- c) Práticas lúdicas em sala de aula (Ancião conta o mito em Língua *Boe* e em Língua Portuguesa).
- d) Contextualizando os objetos

Ancião mostra os tipos de flecha e enfeites de penas de arara enfatizando o mito de origem das flechas e das araras, a matéria prima e a técnica de construção. Propõe uma oficina para construção dos objetos e pede para que eles tragam material na próxima aula. O ancião deve insistir na utilização da Língua *Boe* fazendo brincadeiras entre uma língua e outra.

- e) Oficina de construção dos objetos
- f) Ancião mostra a técnica de construção dos objetos enfatizando suas insígnias clânicas).
- g) Compreensão e interpretação do texto

Objetivo: Entendimento dos vários tipos de linguagem e da sua importância na construção das culturas

- h) O que é linguagem

Professor fala da linguagem animal; depois da linguagem articulada pelos humanos utilizando da Língua *Boe* para fazer brincadeiras entre uma língua e outra

- i) Linguagem verbal

Professor fala da importância da linguagem na construção das culturas enfatizando as culturas orais utilizando as culturas indígenas como exemplo; fala dos Bakaru como linguagem oral e apresenta a Enciclopédia *Boe* volume II, mostrando que essa linguagem oral passou a ser linguagem escrita quando os missionários registraram os mitos através da escrita

- j) Linguagem não verbal

Professor apresenta as diversas formas de linguagem e utiliza das artes visuais para exemplificar; introduz o assunto da oficina de desenho utilizando a linguagem verbal e não verbal.

- k) Oficina de desenho
- l) Professor oferece material ao grupo e pede para que desenhem a parte do mito que mais gostaram. Se forem muitos os alunos, fazer o trabalho em grupo de dois.

- m) Apresentação dos desenhos com explicação e exposição dos desenhos (cada grupo, ao apresentar seu desenho, coloca-o em exposição em lugar já preparado pelo professor)
- n) Oficina dramatização do mito
- o) Professor pede as alunos para recontarem ou recriarem o *Bakaru* usando a linguagem que preferir.
- p) Oficina de escrita

Roda de conversa (alunos em círculo em um lugar escolhido previamente para falar sobre a experiência com foco na pergunta: “O que é um *bakaru* para você e qual sua importância”?)

Redação em sala de aula (no final da experiência professor propõe a escritura de redação, o aluno vai recontar ou recriar o *bakaru* sobre estes objetos utilizando da escrita e de ilustração)

## 3.2 - Desenvolvimento do Plano Pedagógico

### 3.2.1 Oficina de escuta

Com a pandemia e paralisação das aulas em Meruri, não pudemos desenvolver tudo que foi realmente planejado. Esta oficina não obedeceu ao plano que preparamos por falta de condições. Optamos por utilizar o nosso Museu Comunitário, pela facilidade em falar das flechas, das araras e dos objetos feitos com as penas e plumas dessas aves.





Alunos mergulhados no *bakaru* acompanham atentamente a narrativa

Continuei contando o *Bakaru* e respondendo cada situação que os alunos perguntam, para melhor compreender a história. Nesse trecho da aula os alunos exerciam um dos ensinamentos que os *Boe* tanto prezam que diz: “Toda vez que uma pessoa mais velha conta algo ou fala sobre algo, os mais novos devem estar sempre atentos no que está sendo ensinado, isso é sinal de respeito ao ancião ou anciã, e também à história que está sendo contada”. Esses ensinamentos são importantes para vida toda.

### **Contextualizando os objetos**

Mostrei os tipos de flechas e enfeites de penas de arara enfatizando o mito de origem, matéria prima e técnica de construção. Em seguida propus aos alunos uma oficina para construção dos objetos e pedi para trazerem material na próxima aula.



Mostrei aos alunos, as variedades de penas de araras e os objetos que são construídos levando em conta as cores e as combinações de cores de acordo com sua primazia clânica. Da mesma forma, fiz com os arcos e flechas, explicando também que cada cor das penas, indica o clã ao qual pertence o arco ou a flecha. No caso desta foto, estou mostrando aos alunos os objetos do clã dos *Baadojeba*. Mostrei também objetos de outros clãs.



Continuei mostrando outros arcos e flechas aos alunos, nesse momento enfatizei a beleza dos objetos e comentei também que essas eram armas utilizadas na caça e pesca de nossos alimentos e que foram trocadas por facões, machados e armas de fogo.



Leonida Maria Akiri Kurireudo, uma anciã da aldeia, que trabalha no nosso Museu Comunitário, ensina aos alunos sobre as cores e técnica de fabrico das flechas, utilizando a nossa língua materna, embora este seja um trabalho masculino. Hoje em Meruri já misturamos os ofícios que eram feitos apenas por homens ou por mulheres. Leonida trabalha no nosso Museu Comunitário e é a pessoa mais entendida da nossa cultura material.

### 3.3 Oficina de Desenho



Alunos ilustrando os trechos do *bakaru* que mais gostaram, que mais acharam importantes. Essas ilustrações acontecem sob a orientação do professor e da anciã.



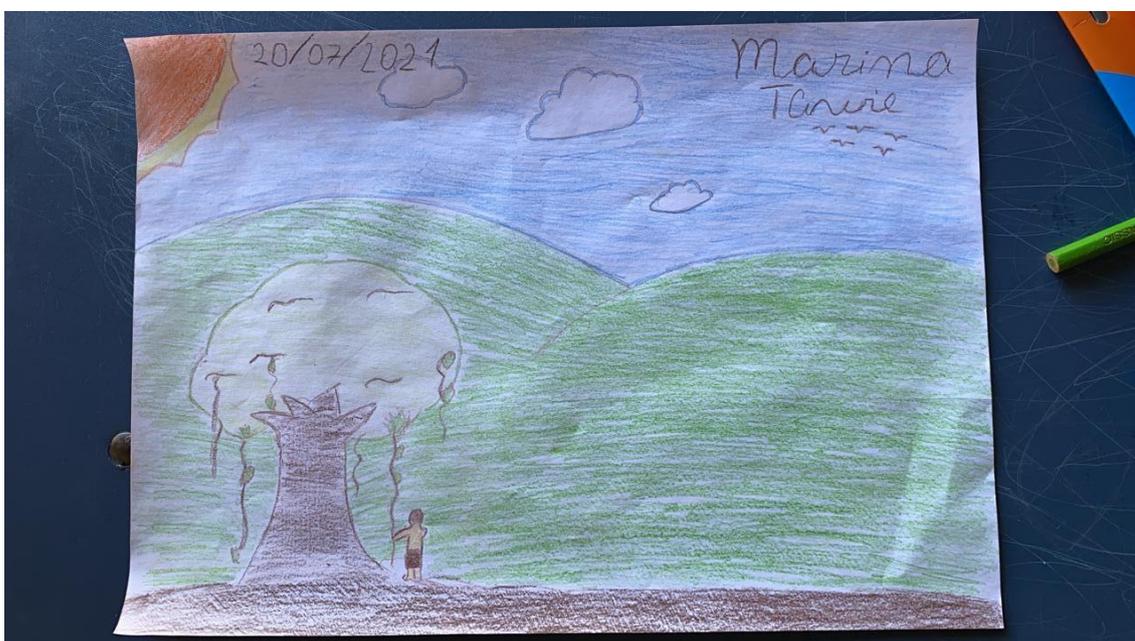
O aluno Ryan, achou importante ou interessante, o momento em que o *Butore Agadu*, andava na mata caçando seus alimentos, quando viu a taquarinha (*tugo*). Ryan desenhou a taquarinha já trabalhada. Ao lado do casal do *bakaru* estão as flechas.



O aluno Diogo *Kauã Marques Cibae Ekureu*, achou interessante o momento em que os dois índios, *Aroia Kurireu* e *Butore Agado* mostraram as taquarinhas a *Baitogogo*.



O trecho que a aluna *Mayra Atuie Ekureudo* achou mais interessante, foi quando os três *Boedoge*, chamaram os percevejos coloridos e depois os transformaram em araras amarelas, vermelhas e azuis.



Com este desenho, a aluna *Marina Tawie*, nos mostra o trecho do *bakaru* que ela mais gostou, a parte onde os *Boe*, tira o cipó *Imbé* que pendia do alto pé de jatobá. Os *Boe doge* tiram esse cipó para amarrar as pontas de suas flechas. As pontas das flechas são feitas com pedaços de aroeira (*burudui*), guatambu (*mace enodoreu*), uma madeira com o nome de coração de negro e pedaço de osso de bicho (*barogora*) e seriva (*botora*).

### 3.4 Oficina de Escrita

O que é um *Bakaru* para você e qual sua importância?

21 / 01 / 2021

Meruci  
Matheus Lins Koge Eiga

Redação sobre o Bakaru: O chefe Baitogaga e as flechas

Antigamente um homem e uma mulher estavam  
casados e viram uma taboquinha na boca língua charna  
tuga então eles recolheram e levaram para os chefes arais -  
Kurireu, eles pegaram um pouco das fequenas e das miaras.  
arais Kurireu falou vamos mostrar para Baitogaga assim  
eles não vão de novo etc, Baitogaga admirou e falou verdade  
não as taboquinhas mas não a miara não de meu etc  
e a miara não de meu etc.

Como os barões queriam fazer suas taboquinhas fizeram fecha  
chamaram penezeira, vermelha, amarela e preta e  
em seguida transformaram eles em araras e usaram  
os penas delas para fazer flechas.

Como foi os investigadores que viram primeiro as taboquinhas  
então agora as taboquinhas pertencem as da dele

Texto de Matheus Lins Koge Eiga.

Meruri, 21/07/2021

NOME: DIOGO KAUAÃ MARQUES

CIBAE EKUREU

REDAÇÃO: O CHEFE BAITOGOGO  
E AS FLECHAS.

UM DIA BUTOREAGADU TAVA  
CAÇANDO E ELAS VIRAM UMA COISA DIERDANTE  
E O PERGUNTARAM A ELE, QUEM É VOCE?  
ELE RESPONDEU SOU A TAQUARINHA.

ENTÃO PEGARAM E LEVARAM PARA  
O CHEFE.

O CHEFE FALOU: A MAIOR SERÁ  
DO MEU CLÃ E A MENOR SERÁ DO SEU.

ELAS ENFEITARAM AS FLECHAS  
COM PENAS DAS ARARAS.

AGORA AS TAQUARINHAS  
PERTENCEM AO CLÃ DOS  
IWAGUDU DOGE.

Texto de Diogo Kauã Marques CibaeEkureu

21/07/2021

Meruri

Marina Tawie

Reclamação sobre o bacore: O chefe baitagogo e as flechas

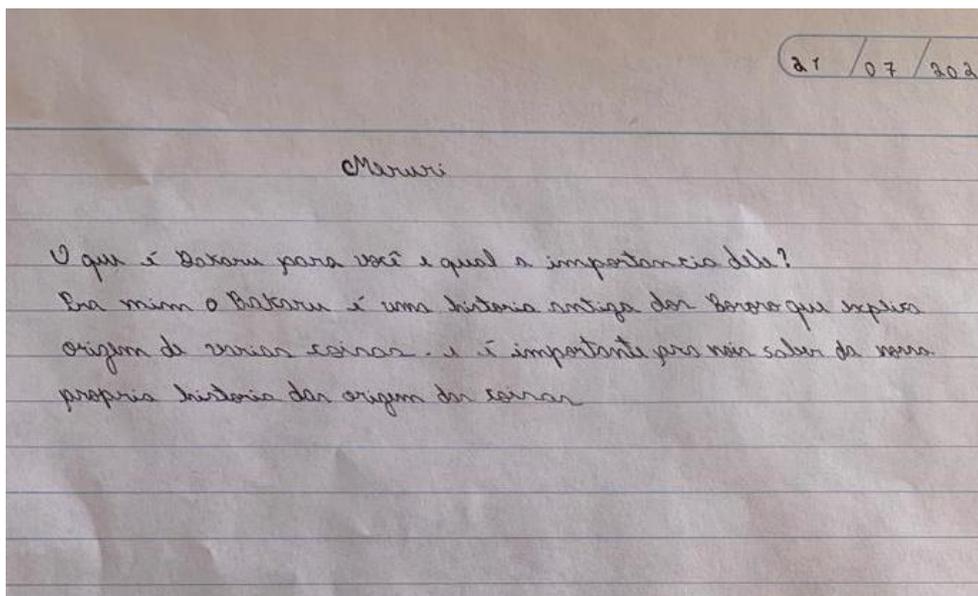
Antigamente tinha um homem e uma mulher caçador e encontraram tabaquinhas na massa língua chama tugo, então pegaram um pouco de menas e de maier e levaram para o chefe Aruia Kurireu.

Aruia Kurireu falou com bitareagado e com as mestras para baitagogo pra ele ver. Ele aciniseu e falou sim e tabaquinha mesmo a maier vai pertence ao meu clã e a menas vai pertence ao seu clã.

Esses tres barueras, Bitiare e guado, Aruia Kurireu e baitagogo chamaram parceiros e trocaram curam em araras vermelhas, pretas e amarelas e usaram as penas delas para fazer flechas.

Como foram as invadidoches que viram as tabaquinhas então as tabaquinhas pertencem ao clã deles.

Texto de Marina Tawie.



Texto de Ryan KiegeCeba

### 3.5 Oficina de fazer, fazer



Diogo cortando madeira própria para a construção de arco. Estão fazendo arcos de brinquedo.



Matheus cortando madeira de arco



Diogo e Matheus apresentando arcos construídos durante oficina



Diogo, Matheus e professor fazendo corda com seda de folha de palmeira para os arcos e flechas.



Diogo e Matheus mostram cordinhas trançadas



Diogo e Matheus com as flechas confeccionadas



Diogo e Matheus experimentando seus arcos e flechas prontos para uso

Esta foi a primeira experiência e o plano pedagógico foi realizado em plena pandemia, fora do período de aula. Considero a experiência suficiente para dizer que o projeto funciona e que colheremos muitos frutos na aplicação deste Plano Pedagógico no futuro. Fico imaginando quando puder fazer essas oficinas na nossa língua materna com a participação de vários anciãos, cada qual com um grupo de alunos. É nesta linha que temos de prosseguir com

relação à inclusão dos mitos *Boe* no nosso currículo escolar, para a criação de uma Escola realmente diferenciada.

## CAPÍTULO IV - A iniciação e a escola

### 4.1- A iniciação dos meninos

Depois de mais de 50 anos de vazio do ritual fúnebre na nossa aldeia, os irmãos Adriano *Boro Kuoda* e Idelfonso resolveram junto à *aroetujie* (mãe das almas) Pedrosa, dar ao ancião *Kuri*, tio materno dos rapazes, o merecido e grandioso funeral *Boe*.

Este funeral normalmente acontece nas aldeias tradicionais porque são menores e ainda possuem a estrutura circular onde o corpo fica enterrado durante o enterro primário. Ali ficava até apodrecer para ter os ossos lavados e enfeitados com plumas e penas durante cantos, danças, choros rituais e escarificações, realizados nos três últimos dias, antes do segundo e último enterro.

Nós aqui em Meruri somos os remanescentes dos *Boe* das Missões, contatados pelos salesianos em 1892. Tivemos um período de muita repressão à cultura em que até a língua materna era proibida de falar. Isso foi até mais ou menos os anos 1960. Depois iniciou um período de incentivo e recuperação de alguns aspectos da nossa cultura. Entretanto, aqui na aldeia de Meruri o ritual fúnebre não voltou a acontecer por vários motivos: primeiro porque já existia o cemitério cristão e também por causa da criação de animais soltos na aldeia, cavalo, vaca que podiam profanar o corpo enterrado no *Boe*, pátio ocidental da aldeia.

Assim, os rituais funerários daqueles que a família queria celebrar, eram realizados na Aldeia do Garças, alguns quilômetros daqui. Muitos funerais de pessoas de Meruri foram realizados lá, mas foi ficando difícil por causa da bebida em excesso e das brigas entre os habitantes que fizeram com que as pessoas fossem escolhendo outras aldeias para morar. No momento, a aldeia do Garças está um tanto fraca, com poucos habitantes. Apesar de muitas famílias terem ido embora, ainda acontece o funeral tradicional de seus mortos. Nós aqui de Meruri, aqueles que gostam de conservar a cultura, vamos lá para ajudá-los, porém, não posso negar que a aldeia está muito triste, casas caindo, mato pra todo lado.

Apesar da aldeia de Meruri não obedecer à estrutura tradicional, decidimos apoiar a iniciativa dos irmãos na celebração do funeral de *Kuri*, já que temos, desde os anos 1970, o nosso próprio *baito*, casa central com alto falante para os avisos a respeito da programação. Não tem mais vaca, cavalo aqui e a Missão nos apoiou em todos os momentos, tendo inclusive, cancelado a programação religiosa católica na igreja da aldeia.

Precisamos esclarecer que o corpo do senhor *Kuri* estava enterrado no cemitério cristão há uns dois anos. As pessoas que morreram de COVID não puderam ter funeral

tradicional. Então o funeral do senhor *kuri* foi um pouco diferente porque o corpo foi desenterrado, colocado na cesta provisória e ficou na casa da mãe ritual, enquanto nós fizemos muitas representações clônicas, cantos noturnos com pescarias e tudo mais.

Uma de nossas vitórias como professores foi trabalhar com nossos alunos durante o funeral porque as aulas também foram canceladas e pudemos dar verdadeiras aulas sobre nossas tradições, inclusive aquelas onde lembravam algum *bakaru*. Meninos e meninas participaram dos rituais apropriados para seu gênero com explicações daqueles que sabiam mais que nós os professores, construindo verdadeiras lições de comunidade, reciprocidade e respeito com o momento sagrado da celebração de um funeral *Boe*.

O ritual funerário *Boe* é também o momento da iniciação dos meninos, um verdadeiro rito de passagem, o menino passa de uma condição de menino para a condição de rapaz e para isto ele precisa participar de um ritual dentro do ciclo fúnebre que acontece durante os três últimos dias. Neste ritual tem partes que não podem ser reveladas e, portanto, procurarei descrevê-las não na sua totalidade. Escolhi fazer esse recorte no ritual porque foi uma parte que participei e observei com olhos de estudante de minha própria cultura.

A escolha dos meninos a serem iniciados era feita, anteriormente, pela família que também escolhe o padrinho. Este padrinho teria de ser um tio paterno porque o tio paterno é da metade oposta e é nesta que o rapaz vai buscar sua futura esposa. O menino, com a iniciação, adquire direito à sua sexualidade simbolizada pelo recebimento do estojo peniano. Atualmente, os meninos são iniciados mais jovens e não moram mais na casa central porque esta passou a ser apenas um lugar de celebração e não mais de convivência masculina.

No dia 30 de outubro do ano de 2021, o segundo dos três últimos dias do ciclo fúnebre, em um dia de sábado, José Mario avisou no alto falante, que os responsáveis dos meninos, que seriam iniciados, teriam de levar até o *baito* o *baku*, espécie de bandeja de palha, com os *bá*, estojos penianos, acompanhados de *nonogo*, pasta de urucum e tesoura. Esperei no *baito* porque eles eram muitos e vinham de todos os lados da aldeia. Na casa central, estava o ancião Joaquim Cabeça, chefe cerimonial e de canto, vindo da aldeia de Gomes Carneiro, na região de Rondonópolis, fazendo as escolhas daqueles que seriam os *iorubodare*, padrinhos dos meninos. Obedecendo as regras da nossa tradição Cabeça perguntava o nome do menino a ser iniciado e perguntava qual era o clã do pai, em seguida, fazia a indicação correta, segundo as leis de nossos ancestrais.

Antes de entregar as bandejas contendo os materiais a serem usados pelos meninos durante a iniciação, o chefe indicou Lauro *Paiko* para ser *iorubodare* de um de nossos alunos.

Ele perguntou o nome de Lauro e o seu clã, em seguida, indicou seu nome para um dos meninos. Percebi que Lauro recebeu aquela designação com muita honra e também surpresa, pois era a primeira vez que ele seria um *iorubodare*. Ali, diante da autoridade de Joaquim Cabeça, os *Iorubadare* viam ou reviam os porquês de uma e outra escolha, obedecendo sempre à descendência clânica.

Não levou muito tempo, confrontando os parentescos, os clãs e as metades, Cabeça terminou as indicações dos *Iorubadaree* para seus afilhados. Depois disto, o ancião indicou que os *iorubodare* teriam que pintar os *bá*, estojos penianos, de seus afilhados, ou ainda, aqueles que já haviam levado os *bá* pintados, teriam de, com auxílio de uma tesoura, cortar e fazer o trançado final, colocando-os dentro de um tipo de cordão feito com a mesma fibra de folha de palmeira com a qual os *bá* foram construídos. Aquele *iorubadare* que recebeu muitos afilhados, pegava seus parentes para ajudar com a arrumação dos trançados dos *bá*, enfileirados, parecendo peixinhos recém pescados em um cordão, dentro do *Baku*.

Quando deu meio-dia, os *iorubadare* receberam instruções para levarem os meninos a serem iniciados ao *baito*. Esperei que todos entrassem no *baito* e pedi licença para falar com eles. Sentaram-se todos na muretinha existente dentro do *baito* e eu, em frente, disse a eles que prestassem bastante atenção nos dois mitos que ia contar para eles e que depois, mais tarde, eles iam entender o porquê de eu fazer questão de fazer aquela pequena intervenção antes da iniciação propriamente dita e narrar para eles o mito da morte de *Baitogogo* e *Boroge* e o mito de quando *Baitogogo* apoderou-se do *Aije*, fazendo dele seu principal totem. Escutaram com atenção e em silêncio, às vezes um olhava para o outro com olhar interrogativo, eu estava emocionado de exercer meu ofício de professor em um momento sagrado para nossa comunidade e pensava que sagrado também era nosso ofício de educador.

Os meninos estavam tensos e com um pouco de medo porque os *Aije* estavam presentes a chegar, já se ouvia seu barulho vindo do oeste da aldeia, onde tem uma clareira chamada *aijemuga*, ali os atores se preparavam para serem possuídos pelo espírito terrificante.

Dentro do *baito*, os meninos foram colocados sentados no chão, na frente de uma mureta, no lado Leste, todos de cabeça baixa com olhos fechados. Ali do lado, vi várias garrafas contendo diversos *yorubo*, remédios do mato, para serem usadas nos meninos. Em seguida, os mais velhos começaram a se revezar passando esses líquidos em todos os meninos, até o momento em que os espíritos *Aije* entraram pela porta sul para o interior do *baito*.

No início os *Aije* estavam meio amigáveis, porém, quando chegou da metade para o final, com os *iorubadari* posicionados diante de seus afilhados, os *Aije* começaram mudar, tornando-se mais agressivos, mais violentos, às vezes causando uma espécie de tumulto. Os meninos continuavam sentados de cabeça baixa e olhos fechados, porém, obedecendo às regras de posicionamento: *Tugarege* no lado norte e *Ecerae* no lado sul. À frente de cada neófito estava seu *iorubodare*, aquele indicado pelo chefe cerimonial. Todos juntos formaram uma espécie de parede de proteção, cruzando os braços direito e esquerdo um no outro, para proteger os iniciados. Na primeira investida dos *Aije*, vi que os meninos chegavam a tremer a se inclinarem para trás. Cada *iorubodare* protegia seu afilhado das várias investidas dos *Aije*. De pé à sua frente, todos juntos formavam uma espécie de muro, mas os *Aije* achavam um jeito de alcançar os meninos jogando bolas de argila neles e os *iorubodare* tentavam proteger seus afilhados da agressividade do espírito. Os iniciados pareciam fragilizados com os olhinhos fechados, vários deles chamavam pelo nome de seu *iorubodare* e perguntavam se estavam ali diante deles. Os *Aije* saíram e enquanto isto, uma pessoa designada para tal, trazia água, bolachas, refrigerantes e ofereciam aos neófitos sentados na mureta leste do *baito*.

Devido a um princípio de tumulto, houve várias hipóteses discutindo se os iniciados iriam “pular os *Aije*”, parte integrante do ritual, mas infelizmente alguns atores estavam embriagados e agressivos por causa de conflitos na noite anterior. Dessa forma, procuravam os anciãos para achar um jeito mais tranquilo de conduzir o ritual. Infelizmente aqui em Meruri temos esse tipo de problema causado por aqueles que não deixam a bebida. Se dependesse do Miguel *Atugoreu*, só passaria barro nos meninos e estaria pronto. Já o Kléber *Meritororeu* e César *AroeTugo*, que estavam sóbrios, estavam montando um grupo de *Aije* doge e a seqüência do ritual do pulo aos *Aije* seria realizada em tempo oportuno. Marciano, um ator já alcoolizado, com seu grupo de *Aije*, entrou e começou de novo outro tumulto, quem conseguiu mandá-los embora foi Idelfonso.

Em seguida, Miguel *Atugoreu* dançou ao som dos cantos executados por Raimundo *Itogaga* acompanhados pelos maracás, usando uma saia de toro, broto de buriti. Raimundo recitou várias estrofes e, entre estas estrofes, Raimundo *Itogaga* ia anunciando umas falas, por fim formou-se uma grande roda, com os donos de cabacinhas, representantes materiais de seus mortos. Logo após saíram para fora, dançaram e foram embora. Foi então que nós também saímos para fora do *baito* e os meninos começaram a ser enlameados com barro da cabeça aos pés. Neste momento, Lauro *Pariko* foi convidado a juntar-se a um grupo formado pelo César Rondon, quem mandou que ele o convidasse foi Joaquim Cabeça.

Lauro deixou seu afilhado aos cuidados de Almir e foi integrar o grupo dos *Aije* de Cesar. Os meninos recebiam lama no corpo inteiro, da cabeça aos pés. Tinha menino que só se via os olhinhos, agora abertos, mas muito assustados. Enquanto os espíritos urravam, grunhiam no meio do pátio, outros se posicionavam ficando enfileirados, de quatro no chão do *Boe* ocidental. Os neófitos deviam pular por cima dos *Aije* sob a proteção de seus padrinhos, encostando o mínimo possível nos corpos também enlameados dos *Aije*.

Isto durou um bom tempo, e apesar de difícil e assustador, serviu para os meninos se aproximarem dos espíritos e construir a intimidade necessária para transformá-los em rapazes. Após os pulos dos *Aije*, os meninos foram assoprados e aconselhados a não divulgarem o segredo ritual: o contato com *Aije*, o monstro mítico. símbolo dos mistérios que envolvem a vida e a morte, totem principal de *Baitogogo*, o grande líder ancestral.

É costume, depois que os *Aije* se calam e vão embora, fazer a dança do *Aroemaiwu* e incinerar os pertences do morto, este ritual está associado a outro “mito, o da gaita colar” e não será trabalhado por mim. Em seguida, vieram os *wororae*, oferendas das *aroetudie*, as mais velhas, aquelas que já foram mães rituais, que já se escarificaram por algum morto seu parente ou apenas filho ritual. As pessoas que recebiam, davam aos seus afilhados e a outros praticamente, deixando a todos contentes. Por fim, o chefe cerimonial indicou como fazer para os *iorubodare*, os padrinhos, entregarem seus afilhados: teriam que passar com eles na casa do cunhado ou da tia, para só então levar para a casa da mãe. Os meninos deveriam descansar porque o ritual continuaria à noite.

À noite todos os iniciados e os *iorubodare* foram chamados ao *baito* quando começou outra fase ritual com cantos e muita gente, momento em que os neófitos ficaram sentados no lado Oeste do *baito*, diferentemente do mesmo dia, no final da manhã, em que estavam do lado Leste. Não levou muito tempo, começaram os cantos e os “estalar dos meninos”, isto é, cada parente vinha em uma grande fila de homens e mulheres e erguiam os braços dos meninos, pegavam-nos pelos ombros e puxavam forte para estalar suas juntas para crescerem fortes e saudáveis. Mas isto não era feito aleatoriamente, um que era do clã dos *Bakoro*, por exemplo, teria de pegar outro *Bakoro* pela mão e levar para estralar o seu afilhado. Porém, como eram mais de 20 iniciadas, as coisas não procederam dessa forma porque o *baito* estava muito cheio e muitos *iorubadare* estalaram seus afilhados eles mesmos. Esta fase da iniciação é muito interessante porque esse “crescer forte” significa que ele ao crescer forte vai se casar. Neste momento, as meninas já estão posicionadas do outro lado “de olho” na escolha de seu futuro marido.

Os cantos avançaram até o momento em que muito tarde da noite os neófitos foram liberados para dormir, mas não deveriam se lavar, deveriam ficar enlameados com o barro até o outro dia. Antigamente eles não podiam dormir nada durante a noite, mas eles tinham mais idade, agora a iniciação permite meninos menores. E é muito desgastante para eles, já que o final do ritual seria na manhã de domingo. Continuamos ali mais um pouco, até o canto de *kiegebarege*, canto do *bope*, que é um outro aspecto de nossa cultura, uma outra história que tenho vontade de pesquisar. Depois que sai de lá, os cantos continuaram noite afora.

No outro dia, os *Ecerae* foram chamados no *aijimuga*, eu fui e vi o preparo dos meninos que, dali, iam para o *Boe* ocidental. Na saída dali, Lauro pediu para que ele pegasse um broto ou folha mais bonita, ele pegou e deu-lhe o *Pana*, instrumento de sopro feito com cabaças coladas umas sobre as outras, e pediram para que ele conduzisse o cortejo dos neófitos até o baito, isto porque Lauro é do clã dos *Bakoro Ecerae*, clã que tem a primazia mítica de *Bakororo*. Miguel ia à frente tocando *ika*, instrumento representativo de *Itubore*. Ao chegar ao baito, começou um canto curto. Joaquim Cabeça era o chefe de canto, mas percebi que estava passando mal, Raimundo *Itogoga* que estava ao seu lado, assumiu o canto, ajudando-o com muita rapidez e agilidade. Se não tivesse atento não teria percebido esse arranjo rápido, teria achado que era uma coisa normal no ritual.

Após este canto chamou os meninos no *Boe*, para a imposição do *bá*, estojo peniano. Os *baku*, bandejas de folha de palmeira, estavam com os *bá*estojos penianos, a postos. Raimundo chamou Lauro Pariko e deu a ele um *pariko*, cocar *Boe*, da primazia de seu clã, juntamente com um *pana*, instrumento insígnia de *Bakororo*, instante em que Raimundo pegou um *ika*, tocaram e dançaram saltitantes. Neste momento Miguel falou na Língua *Boe* para Lauro e Raimundo colocarem os *bá* em um dos meninos. *Kuira* acrescentou que não era para colocar os estojos nos pênis dos meninos, mas para pendurá-los no *akigo*, enfeite de algodão que eles usavam amarrados na cintura e depois cada *iorubodare* colocou os *bá* pendurados nos *akigo* dos, então, iniciados. Estando todos os iniciados com seus estojos penianos, foi declarado o encerramento do ritual. Novamente pedi licença para falar com os meninos ainda reunidos e combinamos um encontro, uma pescaria no Barreiro assim que voltassem as aulas presenciais. Logo após, os *iorubadare* foram instruídos pelos mais velhos que deveriam levar os afilhados na casa dos cunhados, depois para a mãe do menino. Assim, nasceram mais 28 homens *Boe*.

#### 4.2 Os *Bakaru* e o *Poguru*: uma aula diferenciada

Hoje levei os alunos que foram iniciados para beira do rio Barreiro (*kujibo*) para realizarmos uma aula diferente, as margens frescas do rio, como nossos anciãos faziam na antiguidade, com base na escuta e no silêncio da natureza.



Todos a postos, cada qual no espaço por ele mesmo escolhido, dei início ao *bakaru* do espírito *Aije*. Os alunos ouviam entusiasmados porque conheceram este espírito durante sua iniciação. Durante a contação da história, alguns alunos faziam perguntas. E eu respondia todas as perguntas para que todos tivessem compreensão segura das explicações. Terminei o primeiro *bakaru* muito satisfeito porque pude perceber que todos haviam assimilado o que acabavam de ouvir.

Finalizando o primeiro *bakaru* passei ao segundo. Neste, fiz um recorte para dar ênfase na parte que tem a origem do *poguru* (vergonha).

*Baitogogo*, por agredir a natureza, o *kecogo* (bem-te-vi) defecou no ombro dele, as fezes de *kecogo* viraram uma ferida que nunca cicatrizava, com o tempo se transformou em uma planta chamada tarumã. A planta foi crescendo, crescendo no ombro de *Baitogogo*. Após um tempo ele viu que não teria cura e com muita vergonha (*poguru*) resolveu se esconder nas profundezas do rio.

Certo dia *Baitogogo* escutou cantos vindos do seu povo e voltou à aldeia. Naquele tempo não era circular, era de outro jeito. Então ele apareceu lá dançando ao som dos instrumentos *pana* e *ika* (instrumentos de sopro) no *Boe*, templo sagrado a céu aberto. *Boroge* observando seu irmão fazendo isso, achou tão bonito que pede a ele para ir consigo para aldeia dos mortos. Mas o seu irmão *Baitogogo* não aceita que vá, e o acalma dizendo que na próxima vinda o levará.



Então continuei dizendo que como eles agora já tinham participado dos rituais fúnebres, se eles repararam que acontecia essa dança e o toque desses instrumentos, em certos momentos, e a maioria disse que sim.

Voltei para o mito contando a eles que em um outro dia *Baitogogo* apareceu novamente tocando a sua *ika*, dançando fazendo subir poeira no *Boe*. Nesse entardecer *Baitogogo* leva o seu irmão *Boroge*. Passado algum tempo, aparecem os dois irmãos tocando os seus instrumentos sagrados *ika* e *pana*. Os dois fazendo a dança sagrada de *aroe* (espírito) davam volta no *Boe*. Hoje para homenagear os dois heróis míticos se faz no funeral as representações dos dois. Um tocando a *ika* e outro tocando a *pana*. Um mora ao lado Oeste, onde o sol se põe, o outro, *Itubore*, no Leste, onde o sol nasce. Os dois nos aguardam na aldeia dos mortos aonde todos vamos morar um dia.

No terceiro momento da nossa aula, fiz uma analogia enfocando a relação dos dois *bakaru*, o do *Aije* e o da morte de *Baitogogo*, momento no qual é instituído o *poguru*, mas a relação que tratei, foi só a da argila. O espírito *Aije* foi se esconder nas profundezas dos pântanos e lagoas, na lama, na argila. *Baitogogo*, por *poguru*, também foi se esconder nas profundezas dos rios, na lama, no lodo. Os meninos ao participarem do rito de passagem receberam *jurubo* em seus corpos e os corpos cobertos de argila. Essas ervas são próprias dos espíritos e servem para afastar quaisquer transtornos, rejeição por parte do *Aije* para com o menino iniciando, rejeição esta sofrida também pelo menino Rugubu que fez uma dança pobre de enfeites para o *Aije* que ele não gostou. Por isso o funeral tem de ter dança bonita e cheia de enfeites. O morto enterrado no *Boe* é sempre regado com água, então fica dentro da água com lama também expliquei aos alunos. Ali eu não era professor, era o próprio *iorubadare*.



Expliquei a eles a relação dessa lama presente na cova do morto e neles que estavam sendo iniciados. Disse a eles que essa lama representava a presença de *Bakororo* e do espírito *Aije* e que por isto o barro para nós *Boe* é algo muito importante e sagrado. Por isto, os pais e os mais velhos orientam seus filhos, a não brincarem com o barro, principalmente a não brincarem de jogar barro nos outros porque isso é típico de *Aije*, fazer é de mau agouro para si ou para as pessoas de sua família.

Por último disse a eles que eram eles agora os guardiões dos nossos segredos e que violá-los é um *poguru* imperdoável. Depois da nossa conversa, quem quis, tomou banho de rio.

## CAPÍTULO V - A Ancestralidade

### 5.1 Um contato com a ancestralidade

Quando não sabemos o porquê das coisas, vivemos sem perceber que existe uma explicação filosófica, científica, ainda desconhecida, que vamos encontrar por meio de leituras e pesquisas, é o caso da estrutura circular das aldeias indígenas e também das nossas.

Segundo o antropólogo inglês, Leach (apud Viertler, 1982, p. 292) essas estruturas estão vinculadas a uma concepção circular e cíclica do tempo e a uma concepção da existência marcada pela a-historicidade.

Aí vamos encontrar a explicação para o pensamento deste antropólogo em outro autor chamado Mircea Eliade (s.d. p. 62). Ele diz que esta temporalidade totalmente avessa à cronologia e a sucessão está vinculada à ritualização de aspectos importantes da nossa vida que nos permite sair do presente histórico para nos unir a um tempo sagrado. Este tempo se apresenta sob a forma paradoxal de um tempo circular, reversível e reparável, espécie de eterno presente mítico que reinteegramos periodicamente pela linguagem dos ritos.

Então, pude entender com essas leituras que os rituais reatualizam, presentificam eventos sagrados que tiveram lugar no nosso passado mítico. É como se nós pudéssemos voltar no tempo para conviver, rever, reaprender com os nossos heróis que inventaram e nos ensinaram a fazer aquele rito, para trazer de volta todo ensinamento.

Retomando os mitos descritos no primeiro capítulo deste trabalho, o da morte de *Baitogogo* e *Boroge* e aquele que *Baitogogo* se apodera do espírito *Aije*, passo a buscar a sua relação entre si e com o ritual de iniciação masculina que acontece dentro do nosso ritual mais importante, o rito funerário.

Segundo Viertler (1982, p. 346) os personagens ou divindades aparecem nas nossas narrativas míticas, sob a forma de duplas de irmãos *Baitogogo* e *Boroge*. uma característica das sociedades de organização social dual em que o irmão mais velho é concebido como o irmão mais forte e os mais moço concebido como mais fraco e inexperiente.

Além da característica de serem sacrificados, em função de conflito com ancestrais dos homens, e de se perpetuarem transformando-se em espécies úteis, essas divindades se

caracterizam também pelo sacrifício físico lento e prolongado, sofrido durante a sua morte, entretanto são elas que abrem o caminho para o além, são as primeiras a apontar a longa viagem que as transformará no reino dos mortos. (Viertler, 1982, 347).

Todo mito é uma forma ritual, na medida em que cada relato fabuloso é a reexperimentação de uma experiência original, de uma cena ou situação inaugural. Os rituais dentro do círculo fúnebre acontecem através da dramatização, de ações pertencentes a um passado fabuloso, paradigma das nossas crenças a respeito da vida e da morte. Esta dramatização envolvendo diferentes linguagens tem também uma dimensão narrativa, conta a trajetória da alma no além, podendo ser comparada ao percurso da aventura mitológica do herói *Baitogogo*. E seu irmão *Boroge* ou *Itubore*. Cada um que morre revive a trajetória deste irmão mais novo que se uniu à divindade de *Baitogogo* ou *Bakororo* (Carvalho, 1994, ...)

Escolhemos este mito, porque ele é um dos que propõe uma questão muito presente no nosso pensamento, a do estreito vínculo entre a vida e a morte, entre o mundo terreno e natural e o mundo dos espíritos, nessa narrativa *Baitogogo* vive a aventura original da passagem da morte para a vida de *aroe*. A morte para nós não é o fim, não é um corte entre o mundo dos vivos e dos mortos, mas o recomeço e o estabelecimento de um vínculo indissolúvel entre esses dois mundos. Vida e morte, como acreditamos, são faces de uma mesma moeda e o papel do mito é afirmar esta verdade, de vivê-la, de instaurá-la narrativamente, transformando-a em fato, em experiência, que revive em cada momento que o mito é rememorado e em cada ritual fúnebre celebrado.

*Bakororo* e *Itubore*, os dois grandes heróis legisladores e moderadores da nossa sociedade *Boe*, ao partirem para o reino dos mortos, além de ditarem sábios conselhos fundam a cosmologia inscrita nas aldeias terrenas e fundam o mundo dos *Aroe*, construído no modelo das aldeias terrenas, para onde todos nós *Boe* vamos depois da morte. Este mito aparece em muitos ritos do ciclo fúnebre, mas é especificamente, nos três últimos dias que ele aparece conjuntamente com o mito do *Aije*, no momento da iniciação dos meninos.

*Baitogogo* e *Aije* se misturam durante o ritual para conviver e revelar aos iniciados os segredos da vida e da morte. O mito estudado neste trabalho revela a aproximação totêmica dos dois personagens. *Baitogogo* e *Boroge* são rememorados todas as vezes que *Ika* e *Pana* são tocados, esses instrumentos são da primazia dos dois grandes heróis. Assim, tocam-se os instrumentos e surgem os *Aije*, o totem de *Baitogogo*. Os meninos precisam se misturar com ele, experimentar o gosto da sua morada inicial, simbolicamente, representada pela argila com a qual os meninos são enlameados e por aquela que envolve o corpo do morto enterrado em

cova rasa e regado com água todos os dias. Baitogogo ao morrer, inicialmente foi morar no fundo das águas, no barro, no lodo, lugar similar para onde mandou o Aije quando tomou sua posse e o obteve como seu totem maior (*Baitogogo*, vai até a casa de *Rugubu* usando um rico *pariko* e dança em homenagem ao *Aije*, tomando-o para si como seu totem mais importante). O morto enterrado em cova rasa e regado todos os dias experimenta a primeira moradia de *Baitogogo* e de *Aije*. Ao ser purificado por meio dos rituais, o morto adquire a condição de *aroe* para habitar o mundo sobrenatural criado por *Baitogogo*. Mas no momento da iniciação dos meninos tudo se mistura.

*Bakororo* e *Itubore*, os dois grandes heróis legisladores e moderadores da nossa sociedade *Boe*, ao partirem para o reino dos mortos, além de ditarem sábios conselhos fundam a cosmologia inscrita nas aldeias terrenas e fundam o mundo dos *Aroe*, construído no modelo das aldeias terrenas, para onde todos nós *Boe* vamos depois da morte. Este mito aparece em muitos ritos do ciclo fúnebre, mas é especificamente, nos três últimos dias que ele aparece conjuntamente com o mito do *Aije*, no momento da iniciação dos meninos.

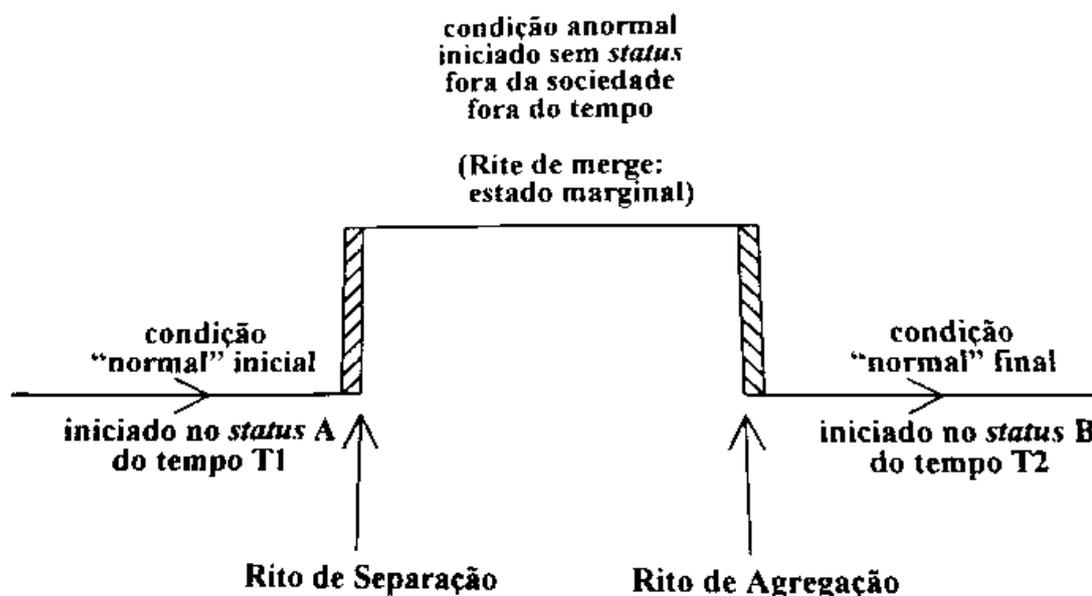
Essa ancestralidade é poderosa e vem conviver conosco junto com o poder do rito, podemos sentir isto no nosso corpo, não sei onde, se no estômago, se no coração acelerado, se nos nossos poros arrepiados de emoção. Agora entendi e um dia posso ensinar sobre isto. Eu só já havia sentido e não precisa estudar para vivenciar a ancestralidade porque é algo inerente ao momento que acontece fora do tempo. Vitor Turner (1974, pag. 119) denominou este momento de *Communitas*, quando todos se igualam comumente dentro desse estágio liminar e comungam da ancestralidade.

(...) assistimos a um momento em que surge de maneira evidente no período liminar, a sociedade tomada como um comitatus não estruturado (...) uma comunidade ou mesmo comunhão de indivíduos iguais que se submetem em conjunto a autoridade geral dos anciãos rituais. Prefiro a palavra latina *Communitas*, à comunidade, para que se possa distinguir essa modalidade de reação social a uma área de vida comum.

O que o autor quer dizer com a palavra *communitas* é exatamente o que a comunidade ritual vivencia no espaço-tempo liminar do rito, a experiência de um outro tipo de relacionamento humano, marcado agora pelo sagrado e não mais por regras Profanas. Evidentemente este conhecimento não anula a importância de tudo, não desmitifica nossos mitos, não anula os nossos *bakaru*, nem impede nossos ancestrais de chegarem na hora certa.

Posso denominar o ciclo fúnebre de período educativo, pois é neste período que toda cultura se opera, é aí que as leis a respeito da vida e da morte são reafirmadas, é aí que as leis do *poguru* são observadas e vividas severamente e que grandes e pequenos aprendem enquanto revivem os gestos criadores; a menina aprende na prática aquilo que pode e não pode fazer; o menino ainda pequeno percebe que deve esperar sua hora.

Os iniciados, objeto desta tentativa de análise, encaram com coragem que é chegada a sua hora, inicia-se assim um longo período de ensino-aprendizagem, no verdadeiro sentido da expressão, que o conduzirá a outro status dentro da sociedade. O esquema ritual apresentado por Leach, (1979, pag. 97) é a melhor forma de entendermos a iniciação dos meninos:



Fonte: Leach (1979, 97)

O mito de *Baitogogo* e *Boroge* e o mito de *Aije* são, especialmente, os mitos rememorados na iniciação dos meninos. Eles se misturam e se completam, como o totem com o seu dono. Como totem principal de *Baitogogo*, *Aije* prometeu voltar ao sentir saudades (*Aije* deixou escapar que se *Rugubu* sentisse saudade ele voltaria, mas isto deveria ficar em segredo). É *Aije* que volta nos corpos dos atores, ao toque da *ika e pana*, instrumentos de primazia dos dois heróis. *Rugubu* está ali simbolicamente representado pelos meninos e precisam ser hostilizados pelo espírito como foi no mito (*Rugubu* querendo homenagear o "ser" fez para ele uma dança pobre de enfeites que *Aije* não gostou). Mas eles precisam vencer a experiência, ver de olhos bem abertos o espírito, pular o *Aije*, com a ajuda de seu

*iorubadare* que o protege das suas investidas para provar que é forte e corajoso como *Baitogogo* que o tomou como seu totem principal.

Quando os chefes cerimoniais propõem a iniciação dos meninos durante o funeral e seus pais os apresentam para serem iniciados, eles pertencem ao status de menino, criança. A partir do momento em que eles são levados à presença de Joaquim Cabeça, chefe cerimonial e de canto (vide descrição do rito) e eles recebem seu *iorubadare*, padrinho, eles entram em um “estágio liminar”, em que não são mais crianças e nem rapazes e passam a viver no espaço marginal do rito, isto é, à margem de um status e do outro, o status almejado. O ritual de entrega do neófito ao chefe cerimonial que o confia ao seu *iorubadare* é um “rito de separação” no qual ele se separa do seu status de criança inocente e protegida pela mãe, para ser conduzida, através do rito, a outro status. No passado essa separação era diferente, o menino se separava realmente da mãe e ia morar na casa central, ou casa dos homens na qual ela aprenderia os ofícios de homem com os homens do seu clã e sua metade sobre a caça, a pesca e aos enfeites de sua primazia e também com seu *Iorubadare* que o ensinava as coisas relacionadas ao seu intercurso sexual. Hoje isto já não acontece mais, eles são iniciados mais jovens e continuam na casa da mãe porque não existe mais casa dos homens, o baito é apenas uma casa cerimonial ou de festas.

O “período marginal” recorte no ritual fúnebre, a iniciação masculina, acontece em uma “condição anormal” dos iniciados. Anormal porque eles não pertencem a nenhum status, nem a “A”, nem a “B”, dentro do esquema ritual de Leach que apresentamos abaixo. Neste espaço liminar do rito não existe tempo, não existe cronologia, mas a instauração sempre nova, sempre inédita do primeiro gesto criador. Este primeiro gesto está no mito da morte de *Baitogogo e Boroge* que ao morrerem fundaram o reino dos mortos. O funeral de um *Boe* é reviver a essência deste mito por meio de atos que rememoram a trajetória de *Baitogogo e Boroge* até criar ou se transformar no reino dos mortos.

O mito da posse do *Aije* por parte de *Baitogogo* e o da sua morte possui um ponto importante: os dois, tanto *Aije* quanto *Baitogogo* foram habitar em um primeiro momento, no caso de *Baitogogo*, nas águas, o fundo do rio, lugar lamacento e os pântanos e lagoas, também lugares com as mesmas características. Como seu totem principal, o *Aije* está associado a *Baitogogo*.

Outro ponto importante é que o mito da morte de *Baitogogo* institui o *poguru*, uma espécie de sentimento parecido com a vergonha do mundo dos *braidoge*, os brancos. A árvore que nasceu no seu ombro plantada pelo órfão da sua mulher, simboliza esse sentimento, uma

transgressão associada à outra transgressão: *Baitogogo*, sem poder com o peso do *poguru*, simbolizado pela árvore no seu ombro, preferiu afastar-se, já que não podia voltar atrás no que havia feito, mas criou um outro mundo para as almas dos mortos, lugar para o qual, a alma de sua mulher poderia também ser recebida. O amante virou anta e deu origem ao totem do clã dos *Kiedo* e o filho virou um pássaro que canta até hoje nas aldeias de seu povo.

Ao reatualizar e viver ritualmente os feitos do passado, os neófitos rompem com a existência cronológica e mergulha em um mundo de acontecimentos primordiais, um mundo inaugural, habitado por seus fantásticos heróis. Uma vez ultrapassado o umbral que os separa da condição inicial os neófitos penetram em um presente eterno em que os grandes feitos míticos, não são propriamente rememorados, mas ritualmente presentificados, fazendo deles, não um celebrante, mas um cocriador do momento primordial (Carvalho, 1994)

É em meio aos gritos do *Aije* que os meninos se tornam fortes, capazes de saltar sobre eles, mesmo com medo. Protegidos, cada um, pelo seu *iorubadare*, depois desta façanha eles assistem a dança do *aroe maiwu*, alma nova, representante do morto que neste específico momento está incorporado com a alma do finado. Ficam até a queima dos pertences do morto. É neste momento que os elementos da natureza, fogo, ar (representado pelo grito do *Aije*), água e terra (representado pelo barro) recompõem a natureza, agredida ela transgressão, e restaura a vida e a comunidade. Os meninos retornam para casa e o corpo é desenterrado e lavado de todas as carnes podres. Dele, retiram somente os ossos e então, livre do barro e purificado pela água como *Bakororo*, ele se liberta da morte e se torna *aroe*. No outro dia pela manhã os meninos retornam agora limpos da lama e enfeitados, quando recebem os estojos penianos, um “ritual de agregação” que os coloca na “condição normal final” o status “B”, o status de rapazes

O “período marginal” deste recorte no ritual fúnebre, a iniciação masculina, acontece em uma “condição anormal” dos iniciados. Anormal porque eles não pertencem a nenhum status, nem a “A”, nem a “B”, dentro do esquema ritual que apresentamos. No espaço liminar do rito não existe tempo, não existe cronologia, mas a instauração sempre nova, sempre inédita do primeiro gesto criador. Este primeiro gesto está no mito da morte de *Baitogogo e Boroge* que ao morrerem fundaram o reino dos mortos. O funeral de um *Boe* é reviver a essência deste mito por meio de atos que rememoram a trajetória de *Baitogogo e Boroge* até criar ou se transformar no reino dos mortos. É em meio aos gritos do *Aije* que os meninos se tornam fortes, capazes de saltar sobre eles, mesmo com medo. Protegidos, cada um, pelo seu *iorubadare*, depois desta façanha eles assistem a dança do *aroe maiwu*, alma nova,

representante do morto que neste específico momento está incorporado com a alma do finado. Ficam até a queima dos pertences do morto. É neste momento que os elementos da natureza, fogo, ar (representado pelo grito do Aije), água e terra (representado pelo barro) recompõem a natureza e restaura a vida e o corpo do morto se transforme agora no nosso totem maior, a arara. Os meninos retornam para casa e o corpo é desenterrado e lavado de todas as carnes podres do qual tiram somente os ossos, livre do barro e livre da grande doença, a morte. No outro dia pela manhã os meninos retornam agora limpos da lama e enfeitados, quando recebem os estojos penianos, um “ritual de agregação” que os coloca na “condição normal final” o status “B”, o status de rapazes

Por outro lado, esta narrativa mítica possui outros aspectos importantes, em primeiro lugar, encontramos nela uma dimensão cosmogônica, referente à criação do plano divino, por dois grandes heróis, modelo cósmico que servirá de base e estruturação e organização de seus aldeamentos e da própria vida social. Essa mesma unidade dual presente no confronto – integração dos dois heróis e refletidas nos dois reinos, podem ser encontradas também no próprio homem, como marca específica da sua natureza. Assim sob este ângulo, esta narrativa além de inaugurar um mundo divino, inaugura também de certa forma, a natureza humana, marcando o fim de uma época, em que o mundo *Boe* era habitado por entes divino, e o começo de uma outra, em que o homem surge como ser sexuado, mortal e dual. Porém, por outro lado, o mito revela uma dimensão ético institucional, ao inaugurar um ser dotado de sentimentos, mas submetido a uma moral. É o que o acontece que o mito se refere ao sentimento de *poguru*, a partir do qual foram formuladas as regras de comportamento humano. Regras ligadas ao intercuro sexual, como a fidelidade conjugal, por exemplo, e outras relacionadas com a morte e com os ritos funerários. (Carvalho, 1979, p.149)

As diversas mortes dos personagens deste mito, revelam que a *causa mortis*, é uma falta cometida: a mulher morre porque faltou com o marido; o filho morre porque faltou com a mãe; o pai morre que faltou com o filho; o amante morre porque faltou com o grande chefe Baitogogo. Contudo, mesmo tendo como causa uma falta cometida, a morte é uma maneira de unir-se a divindade, de voltar a unidade. Entretanto se o homem morre sob uma falta cometida, viver, significa andar sob os preceitos do grande chefe. Ele diz no mito “cuidai bem de vossas ações e de vossas palavras”, sobretudo no que diz respeito com o morto e com a sua alma.

O mito de *Baitogogo e Boroge*, o mito da morte dentre outras coisas, está enfaticamente ligado à legislação de regras de comportamento humano. Sejam elas

relacionadas a vida ou a morte, ou mesmo a construção da planta da aldeia, baseada na divisão de duas metades.

Esta narrativa mítica possui dois aspectos importantes, em primeiro lugar, encontramos nela uma dimensão cosmogônica, referente à criação do plano divino, por dois grandes heróis, modelo cósmico que servirá de base e estruturação e organização de seus aldeamentos e da própria vida social. Essa mesma unidade dual presente no confronto – integração dos dois heróis e refletidas nos dois reinos, podem ser encontradas também no próprio homem, como marca específica da sua natureza. Assim sob este ângulo, esta narrativa além de inaugurar um mundo divino, inaugura também de certa forma, a natureza humana, marcando o fim de uma época, em que o mundo *Boe* era habitado por entes divino, e o começo de uma outra, em que o homem surge como ser sexuado, mortal e dual. Porém, por outro lado, o mito revela uma dimensão ético institucional, ao inaugurar um ser dotado de sentimentos, mas submetido a uma moral. (Carvalho, 1994, p.139)

É o que acontece quando o mito se refere ao sentimento de *poguru*, a partir do qual foram formuladas as regras de comportamento humano. Regras ligadas ao intercuro sexual, como a fidelidade conjugal, por exemplo, e outras relacionadas com a morte e com os ritos funerários. As diversas mortes dos personagens deste mito, revelam que a causa mortis, é uma falta cometida: a mulher morre porque faltou com o marido; o filho morre porque faltou com a mãe; o pai morre que faltou com o filho; o amante morre porque faltou com o grande chefe *Baitogogo*. Contudo, mesmo tendo como causa uma falta cometida, a morte é uma maneira de unir-se a divindade, de voltar a unidade. Entretanto se o homem morre sob uma falta cometida, viver, significa andar sob os preceitos do grande chefe. Ele diz no mito “cuidai bem de vossas ações e de vossas palavras”, sobretudo no que diz respeito com o morto e com a sua alma.

## Considerações Finais

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.” Paulo Freire.

Esta pesquisa tem dois pontos que gostaria de colocar como minhas considerações. O primeiro deles está relacionado com as discussões a respeito da nossa religiosidade presente desde a nossa ancestralidade e da colonização sofrida pelo Estado e a Igreja. O segundo trata do desenvolvimento de uma metodologia própria para o trabalho de introdução e aplicação dos nossos bakaru na Escola *Boe* de Meruri. No que se refere ao primeiro aspecto, segundo Lévi–Strauss, (1986, p. 223)

“Poucos povos são tão profundamente religiosos e possuem um sistema metafísico tão elaborado como os *Boe*. Suas crenças espirituais e seus hábitos cotidianos misturam-se estreitamente, sem que eles mesmos tenham a sensação de passar de um sistema para o outro”.

É por meio de uma vida ritualizada que as crianças e jovens *Boe* vão recebendo a educação tradicional uma educação da qual todos participavam com a finalidade de promover a vitalidade da comunidade. Todos aqui em Meruri ainda possuem as chaves para que esta educação aconteça, sem falar do cuidado da comunidade com os filhos de todos. Não posso dizer que nossa degeneração cultural esqueceu do cuidado com as crianças, elas se misturam a nós adultos e brincamos todos juntos, sim, porque nós *Boe* adultos, também brincamos e, nós todos passamos a ser *iorubadare* uns dos outros, seja na parte física, seja na moral, seja na religiosa. Infelizmente muitos de nós nos perdemos na bebida enfraquecendo nossa raça e cultura. Mas ainda assim lutamos. Este trabalho fez parte dessa luta. Como professor, quando saímos para alguma atividade especificamente masculina, me sinto como o próprio *iorubadare*, fico muito orgulhoso quando isto acontece. É exatamente isto que estou tentando fazer como profissional da educação.

Felizmente, conseguimos recuperar muitos de nossos ritos porque este tempo forte ritualizado é o elemento principal de uma cultura porque só ele é capaz de satisfazer a profundas necessidades religiosas espirituais e morais, às pressões e imperativos de ordem social e mesmo exigências práticas.

Como o ser humano é de natureza única, seja ele preto, branco ou índio, posso dizer que agora compreendo os rituais introduzidos pelos missionários, sempre tentando reviver as situações e atos de Jesus Cristo, sua mãe e todos os santos. Jesus é o grande herói, o Deus feito homem, o legislador e moderador dos ocidentais. Da sua morte, do seu sangue, nasceu o bem, o perdão, a tolerância, a humildade, nada desconhecido para nós. E a missa? A missa é o ritual que presentifica a última ceia e é nesse tempo forte, avesso à cronologia, que Jesus re-ensina a dividir o pão. Pena que a igreja começou a vender o pão e até pedaços de céu, na idade média para a construção da maior igreja do mundo. Houve quem se revoltasse, Lutero, criando o protestantismo que também começou a vender até passarinho voando. De forma que o capital continua sendo o *bope pemegareu*, espírito malfazejo do mundo, desespiritualizando as religiões e destruindo os valores mais profundos ditados por nossos Deuses.

Aqui em Meruri não é diferente, certas pessoas para obterem bens materiais vendem pinga e sua alma ao *bope*, esquecendo os ensinamentos dos nossos ancestrais. Só estou fazendo esta analogia para dizer que está compreendido a missão católica pelo mundo dos colonizáveis e que estudar é libertador porque no final das contas vamos descobrir que até nossos Deuses são culturais. Cada cultura tem o seu, ou os seus e o fabuloso “homo sapiens” é realmente o co-criador de tudo isto, tanto do bem quanto do mal. Hoje, posso dizer que assim como os padres participam de nossos rituais com todo respeito, o que deixa toda a comunidade feliz, também posso participar dos seus rituais com o mesmo respeito sem precisar trocar de Deus e nem de roupa, porque importa reverenciar a universalidade das Divindades.

Em se tratando do aspecto do desenvolvimento de uma metodologia de ensino aprendizagem dos Bakaru na Escola, ao invés de trabalhar os conteúdos das histórias de outras culturas, posso dizer que essa nova maneira de acesso ao conhecimento ganhou forças com o Projeto *Bakaru*. Essa idéia ficou parada ao longo desses últimos anos, mas com o surgimento do Projeto *Bakaru* desenvolvido por meio da Produção Partilhada do Conhecimento na figura dos professores Bairon, Marília e muga Aivone, pude colocar em prática o projeto de restaurar e fortificar nossos valores ancestrais por meio da aplicação dos nossos mitos na nossa Escola *Boe*

Na primeira parte em que testei o Plano Pedagógico com as atividades programadas, sem se preocupar com espaço, tempo e lugar, fora do ambiente da escola, para que os alunos se sentirem mais à vontade, sem estipular tempo, com liberdade de prolongar até que eles quisessem parar, com auxílio da anciã *ituie* (mulher mais velha pertencente ao meu clã),

considero muito positivo, pois os alunos gostaram, produziram durante todas as atividades com alegria e satisfação. Depois muitos deles me procuraram perguntando quando ia realizar outra experiência. Cheguei a preparar atividades para trabalhar o mito do algodão com oficina de *akigo*, seguindo a mesma metodologia, mas aconteceu o funeral e resolvi testar a experiência do desenvolvimento do método dentro do ritual, durante o rito de iniciação masculina.

Essa flexibilidade própria da nossa cultura, me permitiu fazer isto. Aproveitei o momento porque no que se refere aos funerais, fica difícil colocarmos o funeral *Boe* no nosso calendário escolar, pois não sabemos quando vamos ter outro. Então para colocá-lo no calendário escolar com datas exatas é impossível, tem de aproveitar, caso aconteça, e o que a gente quer é que não aconteça, pois um funeral implica na morte de alguém, o que significa que este método de trabalho dentro de um ritual fúnebre poderá ser realizado esporadicamente.

Entretanto, no que se refere a esta experiência, posso dizer que o resultado foi fabuloso, pena que trabalhei somente com os alunos do gênero masculino por se tratar da sua iniciação. Antes quando os meninos eram iniciados não se falava em *bakaru*, eram simplesmente iniciados. Esta iniciação tomou outro valor, outro sentido, outro significado e o resultado foi extremamente positivo, constatado também na aula à beira do rio depois de mais de dois meses do ritual de iniciação.

Passados alguns dias, levei os jovens iniciados de volta ao rio e recapitulei tudo que haviam visto durante o rito de passagem, como também todo o funeral de forma resumida. Tornei a contar a eles o *bakaru* do espírito *Aije*”, contei também o *bakaru* do mito da morte de *Baitogogo e Boroge* com ênfase no surgimento do *poguru*, sentimento de vergonha provocado pela transgressão e as consequências que a pessoa tem de enfrentar ao transgredir as regras de comportamento ditadas pelos nossos ancestrais.

Essa minha nova maneira de pensar, de passar os conteúdos aos alunos, tendo como base a pedagogia *Boe*, me deu uma satisfação imensa porque vi nos olhos dos meus alunos o entusiasmo que há muito não via. Isto para mim é o estímulo para prosseguir sabendo que dessa forma estou realmente educando.

## BIBLIOGRAFIA

ALBISETTI, C. e Venturelli, A. J. *Enciclopédia Boe. Vv. I, II, III e IV*, Campo Grande: EditoraUCDB, 1962, 1969, 1976 e 2003.

AGUILERA, Antônio Hilário. *Currículo e Cultura entre os Boe de Meruri*. Campo Grande:UCDB, 2001.

BALZOLA, Giovanni. *Fragli Indi del Brasile. Note autobiografiche e testimonianze raccolte da D. A. Cojazzi*. Torino, Società Editrice Internazionale, 1932.

BARTHES, R. “Introdução a análise Estrutural da Narrativa”, in: *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. *Mitologias*. São Paulo: Difel. 1985.

CAMARGO, Gonçalo Ochoa. *Boe ewadaru paru - Cartilha Boe*. MSMT. 1984.

\_\_\_\_\_. *Boe eno bakaru - Lendas Boe*. MSMT. 1983.

\_\_\_\_\_. *Meruri na visão de um ancião Boe - Memórias de Frederico Coqueiro*. Campo Grande: UCDB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Processo evolutivo da Pessoa Boe*. Campo Grande: UCDB, 2001.

CAMPBELL, J. *O Herói das Mil Faces*. São Paulo: Pensamento, 1988.

\_\_\_\_\_. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1992.

\_\_\_\_\_. *As Transformações do Mito Através do Tempo*. São Paulo: Cultrix, 1993.

CARVALHO, Aivone. *Tempo de Aroe, simbolismo e narratividade no ritual funerário Boe*, Dissertação de Mestrado defendido no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica – PUC SP, 1994

\_\_\_\_\_. *O museu na aldeia: comunicação e transculturação no diálogo museu e aldeia* Campo Grande: UCDB, 2006.

DORTA, S. Ferraro. *Pariko – Etnografia de Um Artefato Plumário*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, série Etnologia, vol. 4, 1981.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. Petrópolis: Vozes, s.d.

\_\_\_\_\_. *Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. e Sérgio Guimarães. *Aprendendo com a Própria História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Cru e o Cozido – Mitológicas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LEACH, E. *Cultura e comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOVAES, S. Caiuby. *Jogo de Espelhos*. São Paulo: Edusp, 1993.

OCHOA, Gonçalo. *Padre Rodolfo Lukenbein: Uma Vida Pelos Índios do Mato Grosso*. Campo Grande: Missão Salesiana do Mato Grosso, 1995.

SCHADEN, E. *Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1989.

VIERTLER, Renate. *As Aldeias Boe: Alguns Aspectos de Sua Organização Social*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, série Etnologia, vol. 2, 1976.

VIERTLER, Renate. *Aroe J'Aro – Implicações Adaptativas das Crenças e Práticas Funerárias dos Boe do Brasil Central*. Tese de Livre Docência. São Paulo: USP, 1982.

## **Minha trajetória intelectual e humana**

Meu nome é Gerson Mário *Enogureu*. *Enogureu* vem da palavra *enogu*. *Enogu* é broto ou tudo que é broto é *enogu*, e *reu* é posposição da palavra *enogu*. Como o meu sub-clã tem a primazia do gavião Caracará, logo, ao falar *enogureu* referimos à plumagem nova dessa ave. Sou da metade exogâmica dos Tugarege que situa no lado sul da aldeia.

A minha mãe se chama Maria Aparecida *Igaeredo*, pertence ao clã dos *Apiborege*. Os *Apiboreges* são os donos do acuri, cujo sub-clã é os *Boiodadawuge*, como na cultura do povo *Boe*, a descendência segue em linha matrilinear, logo eu também sou do clã dos *Apiboreges* sub-clã *Boiododawuge*.

Meu pai é Landrico Rodrigues *AdugoEnawu*, ele pertence ao clã do *Baadojeba*, cujo sub-clã é do *Boiododawuge*, os do meio. Os *Baadojeba* se situam ao lado norte em relação a aldeia, que são os da metade exogâmica *Ecerae*. Como a minha mãe fica ao lado sul da aldeia e meu pai ao lado norte da aldeia, não existe a proibição do incesto aos dois, estão corretamente de acordo a cultura *Boe*.

Meus primeiros anos de estudo aconteceram aqui mesmo na aldeia, na Escola Estadual Indígena Sagrado Coração de Jesus. Da primeira à quarta série estudei com duas professoras *Boe*: Ana Maria e Glória, os anos seguintes estudei com um corpo docente salesiano aqui de Meruri. De 5ª à 8ª série, os padres é que davam aula juntamente com alguns seminaristas que moravam na missão. Quando estávamos terminando o ensino fundamental, a Missão Salesiana fez uma sala anexa, era a extensão de São Marcos, uma aldeia vizinha do povo Xavante.

No ensino médio os professores eram os padres e professores da cidade de Paredão Grande. Já no final do ensino médio, o governo do Mato Grosso ofertou a formação de professores indígenas, esse curso foi denominado “Projeto Tucum”, esse projeto durou 5 anos. Depois disto nós fizemos a formação desses professores, não me lembro quantos éramos, mas acho que éramos mais de 30 estudantes. Apenas nós *Boe* ocupávamos um polo inteiro, tinha 4 polos onde estudavam outros indígenas de outras etnias.

Em seguida, tive oportunidade de fazer a Graduação em Matemática na UNEMAT, também com a duração de 5 anos. Foi muito bom, os professores e professoras eram bastante dinâmicos e isso fazia a gente esquecer um pouco a saudade de casa. Quando terminei a graduação, fiz a pós-graduação, também na UNEMAT. Depois disso passei 3 anos sem estudar. Daí surgiu vaga para fazer a segunda graduação pela UFMT em Barra do Garças. Fiz

o curso de Pedagogia que durou 2 anos. Esse curso de graduação na UFMT era uma extensão de Rondonópolis. No final fizemos a colação de grau no campus de Barra do Garças e pegamos diploma no campus da UFMT de Rondonópolis.

Quanto à nossa língua materna, não sou fluente, mas ainda sim, falo bastante. Aprendi a compreender e falar um pouco com a minha avó, ela falava muito nossa língua. Então tive a oportunidade de aprender com ela. Quando mudamos para Aldeia Garças, comecei a falar mais ainda pois lá havia mais pessoas que falavam. A minha mãe fala pouco mas compreende muito, já o meu pai fala e compreende muito também.

Quando entrei no 3º grau em uma universidade indígena ligada à UNEMAT, foi que eu realmente vi que havia a necessidade de falar nossa língua, pois todos os meus colegas de outras etnias falavam e somente nós *Boe* de Meruri não falávamos nada, os outros *Boe* de outras aldeias também falavam fluentemente. Foi assim que comecei a falar a língua *Boe* mais frequentemente, também fui influenciado pelos outros *Boe* de outras aldeias que falavam muito, eles me davam apoio, incentivos e isto foi muito importante para mim. Tropecei muito no início, mas foi assim que comecei. Hoje falo sempre a língua com quem fala também, tropeço um pouco onde acho que deve ter um conectivo, mas consigo me expressar mais.

Quando aprendemos algo, é sempre preciso praticar para não mais esquecer, no meu caso, fica meio difícil porque aqui em casa somente eu falo nossa língua, tenho a minha tia que fala muito, mas ela mora na casa dela. Falo na língua *Boe* somente quando encontro com meu *iorubodare*, padrinho, Apolônio *Bokodori Akiriou* quando encontro com meu amigo Paulinho *Ecerae Kadojeba*, também conversamos, pessoalmente ou no Messenger e WhatsApp. O pessoal às vezes ri de nós, mas mesmo assim conversamos bastante.

Na escola sempre tem um professor que ensina a língua *Boe* porém, ainda acho que não encontramos um método eficaz para o ensino da língua, às vezes ensinamos palavras soltas, mas palavras desconexas não fazem uma língua e logo são esquecidas. Outra forma que pensamos foi de ensinar frases, porque tem palavras que nas frases, mudam um pouco, exemplo: *Iogaturepoboto* - meu pai foi ao rio. A tradução de *poboé* água, mas, a tradução de *poboto* como palavra solta não existe, então existem palavras soltas que, colocadas em frases, mudam um pouco. Acho que deveríamos ensinar frases na língua *Boe* aos alunos. Contudo as expectativas não foram almejadas, os alunos ainda continuaram no mesmo estágio em relação a língua, poderia elencar vários fatores que obstruem o aprendizado dos alunos, mas, vou elencar somente três: primeiro, os alunos só tem 4 horas na escola; segundo, a língua *Boe* tem

que ser prioridade em todas as disciplinas e terceiro, os pais devem entrar com a parte deles, que é a comunicação em casa.

Embora pareça uma utopia, sonho muito com o futuro das crianças, com a volta da nossa cultura, é um legado deixado pelos nossos ancestrais e estamos deixando morrer, ficar no esquecimento. A demarcação do nosso território é que garante e assegura o futuro para que tenhamos um espaço suficiente para praticar a cultura e nossa autonomia, gerir nossos próprios meios de vida, como a saúde, a sustentabilidade e outros e tudo que for surgindo, porque o mundo muda e muda com velocidade.

A educação colonialista, para mim, tem dois pontos, um positivo e o outro negativo. O negativo é que esta educação nos fez abandonar a nossa cultura, a esquecer nossos deuses e a perder nossa riqueza, muito diferente de pensar em ter coisas; a positiva foi que tivemos uma alfabetização e escola de boa qualidade. Esta educação me ensinou também a sobreviver no mundo dos bancos que de qualquer forma um dia iria chegar.

Quando a televisão chegou aqui na aldeia, a comunidade assistia jogos de futebol e com isso a maioria da juventude queria ser jogador, isso fazia com que eles se distraíssem bastante da aula. E o maior desejo deles era jogar futebol a toda hora. Com esse comportamento dos alunos, os professores passavam mais tempo nos preparativos das suas aulas, uma forma de estimular os alunos porque eles estavam muito distantes da escola, havia pouco interesse nas disciplinas.

Esse tempo todo como professor, me colocou à frente de cada situação que me enriqueceu tantas experiências que se tornaram muito positivas na minha profissão de professor. Na cultura *Boe* se aprende no diálogo, na convivência e na prática. É na prática que nós aprimoramos nosso aprendizado que tivemos no diálogo com os mais velhos.

Esse tempo todo como professor, me colocou à frente de muitas situações que me enriqueceram com muitas experiências positivas para minha profissão de professor. No modo de ser *Boe* se aprende no diálogo, na convivência e na prática. O contato com os braedo não tiraram isto de mim, aproveitei todas as oportunidades de mostrar nossa cultura e praticar feitos que procurassem promover a afirmação e presença do nosso povo.

No ano de 2000/2002 participei de forma ativa da construção do nosso Museu Comunitário. Ajudei a mostrar as fotografias dos nossos objetos culturais que estão no museu italiano na escola, produzimos textos com os alunos que resultou muito depressa em oficinas de construção de objetos e também de rituais. Foi a primeira vez que fui padrinho em um ritual de nomeação que há muito tempo não acontecia. Depois do Projeto Tucum que nos

formou para trabalhar com nossa própria cultura, nosso Museu foi a coisa mais importante para nós professores, pois nós podemos utilizar tudo ali para ilustrar nossas aulas. Eu mesmo gosto de tratar de assuntos da nossa cultura de forma mais prática e ilustrativa naquele espaço pedagógico.

Em 2004 fomos convidados para participar de uma exposição auto representativa na Itália, na cidade de Gênova, eleita naquele ano “capital europeia da cultura” Foi muito tempo de preparação, um momento de muita prática cultural e realização de oficinas com a participação de nós professores e dos nossos alunos. No mês de outubro fomos para a Itália, montamos nossa própria exposição e fomos muito valorizados. Para nós foi muito importante, sermos reconhecido logo na cidade que Cristóvão Colombo saiu para dar início ao massacre americano. Dali fomos visitar o Museu que deu as fotografias dos nossos objetos coletados em 1925 aqui na região de Meruri, para que nossa muga Aivone pudesse mostrar pra nós. Esse museu existe no lugar onde Dom Bosco nasceu. Foi lá que entendi muita coisa a respeito da Missão Salesiana. Fomos recebidos com muito respeito, vimos a quantidade de objetos de povos do mundo inteiro. Ali também vi muita riqueza, uma estrutura enorme com uma igreja do tamanho da minha aldeia que recebe visitantes do mundo inteiro. Foi uma aula importante para mim, ver o outro lado da história tira nós indígenas da alienação.

De volta à Gênova, a exposição foi inaugurada e nós lá, estava tudo muito bonito, mas lá nós não fomos reconhecidos como os *Boe* do Mato Grosso, mas como “os *Boe* de Lèvi Strauss”, um antropólogo importante que veio conhecer a gente no passado e que jogou nosso nome no mundo. Ficamos muito curiosos e ficamos sabendo que ele era professor em uma escola muito importante em Paris, nada muito longe dali e foi assim que muga chamou a gente e propôs a viagem. Nós éramos 5 *Boe* e ela conseguiu passagem para 2 de nós. Como eu e meu colega já éramos universitários decidimos junto com os outros que era a gente que ia ver o professor em Paris. Foi uma aventura jamais sonhada, jamais pensada, jamais vivida. Chegamos lá cedo e ele já estava esperando a gente. Fiquei admirado porque ele era um ancião pequenininho, fiquei imaginando quanta coisa tinha na cabeça dele.

Tinha muita coisa pra perguntar pra ele, mas fiquei muito admirado, ele tremia muito as mãos, muga depois explicou pra nós que ele estava doente. A sorte foi que tínhamos levado um presente, tirado da vitrine da nossa exposição, um colar chamado bokodori, e os chocalhos. Cantamos e oferecemos o presente. Dava para ver a emoção do professor, nós também estávamos emocionados, ainda mais quando ele disse que não ouvia aquele canto há

mais de meio século. Fiquei lembrando dos meus antepassados que não conheci. Fiz força pra não chorar. Depois fomos contentes com a proeza conhecer a torre e o rio.

Considero uma experiência que me ajudou muito a conhecer a nossa importância, a conhecer pessoas que dedicaram a vida ao estudo de povos como nós. Apesar de ver o professor do outro lado da mesa, vi a sua fragilidade, vi a sua humildade e fiquei admirado. O sentimento foi de respeito, não foi como senti a respeito de outros estudiosos que já tiveram aqui atrás de nós, talvez porque senti respeito e humildade nos olhos do ancião, parecia nossos velhos cheios de sabedoria e desprendimento. Tempos depois soube que morreu, deu dó.

Hoje se faz necessário a aprendizagem de conhecimentos do mundo envolvente, sem abandonar a nossa cultura. Isso me deixou, por um certo tempo, sem saber o rumo que deveria dar aos meus estudos. Amadurecendo verifiquei que deveria ter conhecimentos das duas sociedades. Quem conhece o outro sabe amá-lo, mas também como se defender. Sabe como os *Boe* de antigamente conseguiam dominar e matar uma onça, sem arma, apenas com o arco? Justamente porque conhecia o animal. Hoje é necessário não ignorar isto a necessidade de entrar neste mundo para recuperar o nosso. Precisamos ter conhecimento para participar de decisões a nosso favor.

Para tal devemos nos tornar pesquisadores de nós mesmos enquanto aprendemos com os nossos professores, eles também aprendem conosco, estudar, praticar tem que fazer parte da nossa vida hoje. As mudanças agora são diferentes, não saímos da floresta para conhecer o mundo, ele está ao alcance de todos e até a escola formal tem de ser reinventada. É um bom momento para nos prepararmos para fazer isto utilizando nossa própria cultura, juntamente com o novo que chega também para nós. Se hoje prepararmos uma aula como poucos anos atrás, as crianças ririam de nós. Temos de ter a consciência que o mundo muda e muda com velocidade. Os alunos o acompanham o mundo e se não acompanharmos também, vamos ficar pra trás. Acho que essas mudanças para reinventar nossa escola passa pela reinvenção da nossa cultura. Trazer nossa ancestralidade de forma lúdica pode ser um caminho novo para acompanharmos as mudanças sem degenerar nossas raízes, sem permitir que elas apodreçam.

Outro fator que destaco como importante e que vejo acontecer é a falta nossos velhos mais experientes e sábios ensinando seus netos, porém mensurar a experiência de acordo com a idade não podemos mais, a experiência hoje chega mais cedo porque as pessoas estudam, tem gente com menos idade que eu, por exemplo e com mais experiência, isso porque estudam mais e fazem o trabalho de professor com mais intensidade. Estou vendo que a

experiência agora não vem mais com a idade como era com os nossos anciãos, vem com o estudo e com a prática juntos. É assim hoje.

Na questão cultural tem que melhorar muito, pois está havendo pouca prática dos rituais e da língua. Isso porque segundo comentários de algumas pessoas da própria comunidade, nossa cultura não garantirá a nossa sobrevivência. Para reverter essa situação é que estamos estudando, para encontrarmos uma forma de resistir e sobreviver às adversidades que ameaçam o nosso crescimento como *Boe* preparados para o mundo que está aí.

Uma coisa é certa, precisamos ter o direito de fazer valer a lei que garante a escola indígena como específica, diferenciada, intercultural, bilingue/multilíngue e comunitária. Essa lei nos dá a liberdade de ministrarmos as nossas aulas, da nossa maneira tendo como pilar as duas formações *Boe* e do não-índio.

Como *Boe*, fico triste em ver quantas e quantas coisas se perderam da nossa cultura, com passar do tempo, lembrar como era antes me traz nostalgia, e me faz ver como o tempo passa rápido. Diante dessas perdas e danos, às vezes me sinto culpado por não ter lutado mais como professor, para não deixar a cultura se perder, mas a força do tempo e o movimento das culturas se misturando é maior que tudo e ninguém pode fazer nada. Contudo, como brasileiro ou como pertencente a uma sociedade tradicional vejo que tenho de adquirir o máximo de conhecimento que puder e fazer um bom uso dele, não só pra mim como também para minha comunidade, usar esse conhecimento para a prática da cultura é um exemplo disso.

O aprendizado adquirido desde criança se resume no que sou hoje, tá certo, com minhas peculiaridades, conceitos de vida próprios, opiniões formadas embasadas naquilo que vivi e aprendi. O importante agora é ter abertura para o que vier, refletir antes de tomar atitudes drásticas, para que não venha causar transtorno futuramente. Assim é o meu jeito *Boe* de ser, abrindo sempre espaço para a reciprocidade que nossa cultura presa muito. O gosto de estar dentro da natureza é uma sensação magnífica, ouvir os cantos dos pássaros, o som do vento balançando os galhos dos arbustos, toda beleza que a natureza nos proporciona é incomparável.

O aprendizado veio com muito diálogo, a prática de um aprendizado deve ser constante, como uma língua, se não houver a prática ela acaba no esquecimento. Na atual conjuntura que a sociedade vive, aprender a escutar é um desafio, saber ouvir o outro se tornou um aprendizado quase impossível. Frequentemente ouve-se do ouvinte frases como: “isso já vi”, “isso já estudei”, “isso eu já sabia”. Aprender a aprender se faz necessário numa situação dessas.

Nós como povos massacrados desde 1.500 temos que estar preparados para inúmeras adversidades que o mundo envolvente nos impõe, hoje tentam nos oprimir com leis, fazem emendas na constituição ou às vezes as ignoram para usurparem o nosso território, a procura de valores que venham favorecer a ganância de muitos. Esses reflexos nos fazem querer manter firme a cultura para garantir a identidade, porque as políticas se encaminham para que povos não possuam sua cultura operante, não serão considerados mais como índios. Já pensou uma coisa dessas?

O funeral *Boe* é o esteio da nossa cultura, os rituais vão se deteriorando, mas o esteio continua firme e forte já é o bastante. Estudar o funeral não só porque é preciso, mas pelo simples fato de que está estudando o que é ou que foi seu, o gosto e prazer de ter conhecimento daquilo que faz, ou que fez parte da sua vida, não pode ser mensurado com outros conhecimentos. Se olharmos com uma visão bem aguçada, o funeral *Boe* é capaz de nos mostrar a beleza do sentido da vida, que muitas vezes passamos anos e anos sem poder interpretar essa coisa magnífica que se tem, e não conseguimos notar. No funeral se faz o encontro do mundo espiritual com o mundo natural, com isso se renasce as forças da continuidade da vida e do legado dos ancestrais.